



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
CEARÁ - IFCE *CAMPUS* CAUCAIA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM
REDE NACIONAL (PROEF)**

EDSON ALVES PEREIRA DA SILVA

**ESPORTE ESCOLAR E O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS:
REFLEXÕES DE PROFESSORES E PROFISSIONAIS DE SAÚDE DO
SERTÃO CEARENSE URBANO**

CAUCAIA - CE

2026

EDSON ALVES PEREIRA DA SILVA

ESPORTE ESCOLAR E O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS: REFLEXÕES
DE PROFESSORES E PROFISSIONAIS DE SAÚDE DO SERTÃO CEARENSE
URBANO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), vinculado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), *Campus* Caucaia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Linha de Pesquisa 1: Formação, intervenção e profissionalidade docente.

Orientador: Prof. Dr. Bráulio Nogueira de Oliveira.

CAUCAIA - CE

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal do Ceará - IFCE
Sistema de Bibliotecas - SIBI
Ficha catalográfica elaborada pelo SIBI/IFCE, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586e Silva, Edson Alves Pereira da.

Esporte Escolar e O Uso de Substâncias Psicoativas: reflexões de professores e profissionais de saúde do sertão cearense urbano / Edson Alves Pereira da Silva. - 2026.
98 f.

Dissertação (Mestrado) – Instituto Federal do Ceará, Mestrado Profissional em Rede Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, Campus Caucaia, 2026.
Orientação: Prof. Dr. Bráulio Nogueira de Oliveira.

1. Esporte escolar. 2. Substâncias psicoativas. 3. Educação física escolar. 4. Programa saúde na escola. 5. Juventude saudável. I. Título.

CDD 378.013

EDSON ALVES PEREIRA DA SILVA

ESPORTE ESCOLAR E O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS: REFLEXÕES
DE PROFESSORES E PROFISSIONAIS DE SAÚDE NO SERTÃO CEARENSE
URBANO

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Bráulio Nogueira de Oliveira (Orientador)
Instituto Federal do Ceará (IFCE)

Professora Dra. Francisca Maria Damasceno Gois
Instituto Federal do Ceará (IFCE)

Professor Dr. André Accioly Nogueira
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Professor Dr. Rômulo Celly Lima Siqueira
Instituto Federal do Ceará (IFCE)

A Deus, por sua providência, e à minha família, dedico este trabalho. Em especial à minha esposa, mãe e três filhos, pilares que me estimularam, inspiraram e ampararam em cada etapa da minha jornada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por Sua providência, por Sua infinita graça e por me guiar em cada passo, cumprindo o desejo do meu coração de ingressar no mestrado.

À minha linda e amada esposa, Erika, que sempre me mostrou que qualquer objetivo pode ser alcançado. À minha mãe, Maria das Dores, que, durante os momentos da infância, me motivava a nunca desistir, mesmo diante dos árduos sofrimentos. À minha professora Edna (*in memoriam*), que, no 5º ano, nos meus 15 anos, me mostrou que a dedicação e a perseverança poderiam transformar a minha vida e me instruiu a nunca desistir. Aos meus filhos, Isaque Hezron, Nikolas Lemuel e Nicolle Kemille, que são o combustível para sempre continuar.

Aos meus seis irmãos: Francisco, Gelza, Elza, Eriberto, Flávio e Wagner, por existirem e fazerem parte da minha vida. Ao meu professor orientador, Dr. Braulio Nogueira, pela parceria, paciência e simplicidade, me orientando até aos domingos. Sua capacidade, organização, empatia e atenção são características que o tornam o melhor orientador que eu poderia ter.

Ao meu ilustre coordenador do mestrado, Dr. Raphael (dispensando qualquer comentário).

Aos meus colegas da turma PROEF 2024, sendo representados aqui pelo nobre amigo e irmão, Emerson Roarky, que tornaram essa jornada acadêmica tão especial em minha vida. A todos, um caloroso abraço!

RESUMO

Essa pesquisa possui uma relação entre o esporte escolar e o uso de substâncias psicoativas entre adolescentes na zona urbana do Sertão Cearense. Nesse sentido temos como objetivo geral analisar as relações entre o esporte escolar e o uso de substâncias psicoativas a partir da perspectiva de professores de Educação Física e profissionais de saúde do PSE em escolas da zona urbana do Sertão Cearense. Tivemos como abordagem metodológica o estudo de caso, entrevistas semiestruturadas com profissionais da área docente de Educação Física e da área da saúde, tendo em vista que permitiu uma análise detalhada e contextualizada das formas como a Educação Física e o esporte são vivenciados por estudantes e educadores, a importância dos programas voltados a auxiliar no processo de superação do uso de substâncias psicoativas entre jovens. O estudo também identificou que a implementação de programas mais integrados e sensíveis às realidades locais, contribui para o desenvolvimento de uma juventude mais saudável e consciente. Nesse contexto, a pesquisa demonstrou que a colaboração entre programas, profissionais da educação e profissionais da saúde favorece o desenvolvimento de estratégias de orientação, promovendo alternativas ao uso de substâncias psicoativas entre jovens. O Programa Saúde na Escola – PSE tem criado possibilidade de jovens vislumbrar um mundo diferente, superando o uso de substâncias psicoativas. Além disso percebemos que profissionais docentes da educação física, especialmente os mais experientes tem buscado ofertar por meio do esporte novas percepções de vida entre os jovens. O esporte é um dos caminhos possíveis para superar o uso de substâncias psicoativas, sobretudo porque o esporte oportuniza jovens acessar outros espaços.

Palavras-chave: Esporte escolar. Substâncias Psicoativas. Educação Física Escolar. Programa Saúde na Escola. Juventude saudável.

ABSTRACT

This research examines the relationship between school sports and the use of psychoactive substances among adolescents in the urban area of the Sertão Cearense. In this regard, the general objective is to analyze the relationships between school sports and psychoactive substance use from the perspective of Physical Education teachers and healthcare professionals from the School Health Program (PSE) in urban schools within the Sertão Cearense. The methodological approach adopted was a case study, utilizing semi-structured interviews with professionals from both the Physical Education teaching and healthcare sectors. This approach allowed for a detailed and contextualized analysis of how Physical Education and sports are experienced by students and educators, highlighting the importance of programs designed to assist in overcoming psychoactive substance use among youth. The study also identified that the implementation of more integrated programs, which are sensitive to local realities, contributes to the development of healthier and more conscious youth. In this context, the research demonstrated that collaboration among programs, education professionals, and healthcare professionals fosters the development of guidance strategies, promoting alternatives to psychoactive substance use among young people. The School Health Program (PSE) has created opportunities for youth to envision a different world, overcoming the use of psychoactive substances. Furthermore, it was observed that Physical Education teachers, particularly the more experienced ones, have sought to offer new life perspectives to youth through sports. Sports represent one of the possible pathways to overcome psychoactive substance use, primarily because they afford young people access to alternative spaces.

Keywords: School sports. Psychoactive substances. School Physical Education. School Health Program. Healthy youth.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Alunos em uma competição de esporte.	62
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Caracterização das escolas participantes do estudo.....	25
Tabela 2 - Caracterização dos participantes da pesquisa.	27
Tabela 3 - A presente tabela descreve as categorias e os núcleos de sentido, proporcionando uma visão abrangente dos pontos críticos e das abordagens propostas por profissionais da educação física e da saúde.....	31

LISTA DE SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PSE	Programa Saúde na Escola
CEBRID	Drogas Psicotrópicas
PROERD	Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência
D.A.R.E	Drug Abuse Resistance Education
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
UBS	Unidade Básica de Saúde
TCLE	Consentimento Livre e Esclarecido
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
PeNSE	Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar
PCAs	Práticas Corporais de Aventura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 Substâncias Psicoativas: uma questão intersetorial	11
<i>2.1.1 Substâncias Psicoativas: o papel da educação</i>	<i>13</i>
<i>2.1.2 Substâncias Psicoativas: o papel da Educação Física e esportes</i>	<i>17</i>
<i>2.1.3 A especificidade das substâncias psicoativas dentro do PSE</i>	<i>21</i>
3 PERCURSO METODOLÓGICO	23
3.1 Tipo de estudo	23
<i>3.1.1 Cenário da pesquisa.....</i>	<i>24</i>
<i>3.1.2 Atores participantes</i>	<i>26</i>
<i>3.1.3 Produção do material empírico</i>	<i>29</i>
<i>3.1.4 Análise dos dados.....</i>	<i>30</i>
<i>3.1.5 Aspectos éticos.....</i>	<i>32</i>
4 PERCEPÇÕES SOBRE O PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA.....	34
4.1 Falta de integração do programa saúde na escola com a política educacional e com o projeto político-pedagógico da escola	34
<i>4.1.1 Baixo investimento no programa</i>	<i>37</i>
<i>4.1.2 Falta de integração do programa saúde na escola com o esporte e com o meio social em que os alunos vivem</i>	<i>39</i>
5 DESAFIOS NA RELAÇÃO ENTRE ESPORTE E O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS	41
5.1 As substâncias psicoativas e sua correlação com a violência escolar.....	41
<i>5.1.1 O tema das substâncias psicoativas não é adequadamente abordado</i>	<i>44</i>
<i>5.1.2 Trabalhadores manifestam uma visão restrita sobre o esporte como ferramenta educativa e formativa.....</i>	<i>47</i>
<i>5.1.3 Falta de estrutura e investimento no esporte, em projetos sociais e nas equipes de saúde.....</i>	<i>49</i>

6 ESTRATÉGIAS PARA LIDAR COM SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS POR MEIO DO ESPORTE	52
6.1 Escola como um espaço privilegiado para proteção social, criação de vínculo e formação integral dos estudantes.....	52
<i>6.1.1 Compreender o potencial formativo do esporte, de outras práticas corporais e combate o sedentarismo.....</i>	<i>56</i>
<i>6.1.2 Utilização/realização de competições escolares.....</i>	<i>60</i>
<i>6.1.3 Utilização de produtos educacionais.....</i>	<i>64</i>
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS	70
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	78
APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA (PROFISSIONAIS DO PSE).....	80
APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	82
APÊNDICE D - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	84

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação surge a partir de vivências como educador no contexto do sertão cearense urbano, em Crato-Ceará. Nesse ambiente, caracterizado por significativas carências sociais e pela frequente ausência de suporte familiar, observamos de perto a realidade de adolescentes, com idades entre 13 e 17 anos, marcada pela ociosidade e por uma profunda vulnerabilidade social. Durante essa vivência, observamos situações preocupantes, como o abandono temporário do lar, índices alarmantes de faltas, evasão escolar e o envolvimento com substâncias psicoativas. Adicionalmente, quando frequentavam a escola, muitos desses jovens apresentavam comportamentos de desmotivação e violência, desafiando as estruturas pedagógicas tradicionais.

Percebemos que mesmo diante desse distanciamento das aulas regulares e a notável infrequência, a escola resistia como um polo aglutinador. Era comum perceber como esses alunos surgiam subitamente no portão da instituição durante os intervalos, buscando no ambiente escolar um ponto de encontro e um senso de pertencimento que não encontravam em outros espaços. Essa busca espontânea pelo convívio escolar, apesar das trajetórias de risco, revelava a urgência de compreendermos os fatores que impeliavam esses jovens a comportamentos de risco, dentre os quais se destacava o envolvimento precoce com as substâncias psicoativas.

O uso de substâncias psicoativas entre adolescentes, jovens entre 12 anos e 17 anos, tem gerado grande preocupação, devido aos sérios danos que este uso pode causar. Temos observado que esse fenômeno vem sendo amplamente debatido como um problema complexo, que exige uma abordagem intersetorial para ser efetivamente enfrentado.

Os adolescentes estão constantemente expostos a comportamentos de risco, incluindo o uso de substâncias psicoativas. Diversos fatores contribuem para essa exposição contínua, como campanhas publicitárias de álcool nos meios de comunicação, internet, redes sociais, propagandas de tabaco, além da influência de amigos e celebridades. Adicionalmente, muitos jovens experimentam essas substâncias psicoativas por curiosidade, influência de colegas ou como forma de desafiar as leis e autoridades (Suris *et al.*, 2008).

Em contraste, Malta *et al.* (2011) afirma que as razões que levam os adolescentes a se envolverem com tabaco, outras substâncias psicoativas são multifacetadas, sendo que esses riscos são reduzidos quando os adolescentes estão inseridos em famílias que

desempenham um papel protetor, oferecendo monitoramento e apoio constante. O apoio dos pais, a comunicação entre pais e filhos e o acompanhamento parental são exemplos de fatores que exercem um efeito protetor em relação a esses comportamentos.

Dessa forma, é possível observar que as influências externas, como a dinâmica familiar, são complementadas por contextos escolares que podem potencializar fatores de proteção. Nesse sentido, a escola, ao atuar como um espaço de convivência e aprendizado, assume um papel estratégico na formação dos jovens, contribuindo não apenas para o desenvolvimento acadêmico, mas também para a construção de habilidades socioemocionais e para a promoção de hábitos de vida saudáveis.

Segundo Romera, Ortuzar e Quintana (2020) os educadores da educação física podem utilizar os conteúdos da Educação Física como uma ferramenta para educar e orientar sobre os riscos associados ao consumo de substâncias psicoativas, ao mesmo tempo em que promovem um estilo de vida saudável. Não se trata de substituir os profissionais da saúde, mas de auxiliar em novas alternativas de redução do uso de substâncias psicoativas. Dessa forma, a escola se estabelece como um espaço privilegiado para a construção de valores que resistem às pressões sociais relacionadas ao consumo de substâncias psicoativas.

Além disso, como destaca Moreira, Vóvio e Micheli (2015), embora os professores possuam conhecimento sobre os efeitos das substâncias psicoativas, muitas vezes prevalecem visões moralistas que reduzem o fenômeno ao campo da moralidade, exemplo de falas que restringe os jovens a decisão de realizar atos criminais que possa prejudicá-los sem considerar fatores sociais, econômicos e psicológicos que influenciam o comportamento. Isso ressalta a importância de formar educadores com uma visão mais ampla e empática, capacitados para intervir de forma contextualizada e eficaz.

Quando integrado de forma planejada e significativa ao currículo escolar ou às atividades extracurriculares, o esporte educacional pode assumir um papel transformador, especialmente em cenários de vulnerabilidade, a exemplo das zonas periféricas urbana do Sertão Cearense. Essa região, marcada por desafios socioeconômicos acentuados, enfrenta desigualdades estruturais, dificuldades no acesso a serviços públicos essenciais e baixos indicadores de qualidade de vida. Segundo Mota *et al.* (2025) os baixos índices sociais de desenvolvimentos em bairros periféricos do Ceará se devem ao fato de uma falta de infraestrutura adequada e oportunidades de trabalho para os adultos e uma qualificação educacional para os jovens.

Nesse contexto, o esporte não apenas oferece uma alternativa saudável de ocupação para os jovens, mas também contribui para o fortalecimento de habilidades sociais e educacionais, a promoção de equidade e oportunidades de acesso aos espaços universitários, através dos incentivos dos professores, especialmente de educação física.

O esporte extracurricular escolar, realizado fora das aulas regulares de Educação Física possui competições e jogos entre turmas ou escolas. Essas atividades, que se alinham ao aprendizado e à iniciação esportiva, têm relevância no ambiente educacional e social. A competição, sendo um componente intrínseco ao esporte, frequentemente surge como um dos principais atrativos para a prática esportiva, especialmente quando associada à inspiração de atletas e suas conquistas notáveis.

Temos observado que a participação dos jovens em atividades esportivas extracurriculares promove um desenvolvimento positivo em termos de aspectos pessoais como autoeficácia, competência, comportamento e habilidades. Segundo os estudos de Moioli e Bagni (2017) essas experiências favorecem adaptações bem-sucedidas tanto na vida pessoal quanto no ambiente social, reforçando a importância do esporte como uma ferramenta fundamental no desenvolvimento integral dos estudantes. Embora isso seja o lado positivo, ainda persiste entre os jovens a visão de que o esporte é uma prática que se restringe a um jogo de final de semana, um momento para desafogar-se da cotidianidade estudantil ou até mesmo do trabalho.

Em minha experiência como educador, tive a oportunidade de desenvolver, em parceria com o diretor José Leonardo Clementino de uma escola no município de Crato, Ceará, o projeto "Educando com Esporte", implementado entre 2018 e 2020. Este projeto visou estimular a participação dos alunos em competições esportivas por meio de um sistema de cards positivos e negativos, que considera a frequência escolar, o comportamento disciplinar e a participação nas aulas de Educação Física.

Os alunos que acumularam cards positivos tiveram direito a selos necessários para se inscrever nas competições, enquanto aqueles que não cumpriram os critérios foram incentivados a melhorar para as edições subsequentes. Além disso, o projeto abordou questões relacionadas ao uso de variadas substâncias, promovendo a conscientização e a inclusão social através do esporte. As competições envolveram jovens que não fazia parte da comunidade escolar na qual estávamos inseridos, e os que faziam parte, com atividades interdisciplinares que visam aumentar o engajamento e fortalecer os vínculos entre os

participantes. Outra iniciativa relevante, sobretudo no contexto projeto Educando com Esporte, é o Programa Saúde na Escola (PSE).

O PSE, criado pela normativa interministerial (Decreto nº 6.286/2007) no seu artigo 1º orienta que “fica instituído, no âmbito dos Ministérios da Educação e da Saúde, o Programa Saúde na Escola - PSE, com finalidade de contribuir para a formação integral dos estudantes da rede pública de educação básica por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde” (Brasil, 2007). O Programa é uma iniciativa que integra ações intersetoriais de educação e de saúde com o objetivo de promover o bem-estar e prevenir problemas relacionados à saúde dos estudantes. Nesse contexto, o PSE desempenha um papel fundamental ao unir esforços de profissionais da educação e da saúde para promover um ambiente escolar saudável.

A abordagem do programa fortalece a conscientização dos alunos sobre a importância de hábitos saudáveis e a prevenção do uso de substâncias psicoativas, sendo uma estratégia importante para a promoção da saúde no ambiente escolar. A participação ativa dos professores, profissionais de saúde e demais envolvidos é essencial para o sucesso do PSE, pois a integração desses saberes contribui para um desenvolvimento mais amplo e efetivo no combate aos fatores de risco à saúde dos jovens (Brasil, 2007).

Por meio da educação física, observamos que o programa contribui para a conscientização, a socialização e a prevenção do uso de substâncias psicoativas, incentivando hábitos saudáveis e valores éticos. A atuação integrada de professores, especialmente de Educação Física e profissionais de saúde é fundamental para alcançar os objetivos do PSE, especialmente em contextos de maior vulnerabilidade.

Cumprе esclarecer que o quesito socioeconômico constitui apenas um dos inúmeros pressupostos que expõem os jovens ao uso de tais substâncias, visto que também é alarmante o número de usuários em condomínios e escolas de luxo. De acordo com Santos, Pires e Rosa. (2021), o tema se torna ainda mais complexo ao se considerar a severidade das desigualdades estruturais que caracterizam essas sociedades, bem como a ampla parcela da população privada de diferentes formas de capital: econômico, social, cultural e político. Essas condições agravam os riscos e perpetuam os desafios no enfrentamento ao uso de agentes psicoativos.

De acordo com a agência de notícias do Instituto Brasileiro Geográfico e Estatística – IBGE em 2019 “cerca de 63,3% dos estudantes de escolas públicas e particulares entre 13 e 17 anos já experimentaram bebida alcoólica e mais de um terço

deles (34,6%) provou pelo menos uma dose antes de completar 14 anos. As meninas são mais expostas a essa iniciação precoce: 36,8%, contra 32,3% entre os meninos” (IBGE, 2021).

Diante disso esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as relações entre o esporte escolar e o uso de substâncias psicoativas a partir da perspectiva de professores de Educação Física e profissionais de saúde do PSE em escolas da zona urbana do Sertão Cearense. Temos como objetivos específicos, compreender as perspectivas de Professores de Educação Física e Profissionais do PSE sobre a relação entre a prática de esportes no contexto escolar e o uso de substâncias psicoativas na particularidade do contexto escolar do Sertão Cearense; Apreender a percepção dos professores e profissionais de saúde vinculados ao PSE sobre programas atualmente desenvolvidos nas escolas sobre substâncias psicoativas (incluindo o próprio PSE). Identificar se o contexto de violência relacionado ao uso de substâncias psicoativas já repercutiu no trabalho do professor/profissional de saúde. Analisar estratégias pedagógicas elencadas pelos professores e profissionais de saúde do PSE sobre como trabalhar essa temática no esporte escolar; desenvolver o produto educacional, com o objetivo de integrar temas relacionados ao uso de substâncias psicoativas, promovendo a prevenção e conscientização sobre os impactos desse consumo no contexto dos jovens no ambiente escolar, com base nas contribuições dos sujeitos da pesquisa

Ao explorar a interseção entre esporte, educação e saúde no contexto do Sertão Cearense Urbano, a nossa pesquisa visa contribuir para o avanço do conhecimento acadêmico e oferecer orientações práticas para gestores, educadores e profissionais de saúde, além de subsidiar melhorias nas políticas públicas e nas práticas educativas, especialmente voltadas para a promoção da saúde e o desenvolvimento integral de jovens em regiões vulneráveis.

No primeiro capítulo, a introdução, apresenta-se a relevância deste estudo, destacando-se o papel da educação física na promoção de atividades que contribuem para a redução do uso de substâncias psicoativas entre jovens. Adicionalmente, é abordada a importância da revisão de literatura, da coleta de dados de campo e das propostas metodológicas previstas na pesquisa.

No capítulo da fundamentação teórica apresentamos um panorama de pesquisadores que se dedicaram suas pesquisas sobre o papel dos programas de prevenção ao uso ilícito de substâncias psicoativas, o papel dos profissionais de educação física, dos

profissionais da saúde e de outros. Apresentamos comparações com programas existentes no Brasil e em outros países a exemplo de Portugal e Estados Unidos.

Em seguida abordamos no capítulo três o percurso metodológico da pesquisa, que inclui a realização de entrevistas qualitativas com professores e profissionais de saúde do PSE, objetivando identificar práticas, desafios e possibilidades para a articulação dessas áreas, fortalecendo as ações do PSE e promovendo o bem-estar dos estudantes.

No capítulo quatro, intitulado percepções sobre o programa saúde na escola abordamos a importância de programas que viabilize outras estratégias para suplantando o uso de substâncias psicoativas no ambiente escolar, e mais que isso, auxilie os jovens a construir outras percepções de mundo em seu redor. Nesse contexto, o profissional de educação física e outros profissionais assumem papéis importantes no processo de cuidado à vida da juventude e de criar novas oportunidades.

Já no capítulo cinco problematizamos sobre os desafios que existem entre o esporte e o uso de substâncias psicoativas. Ao longo dessa seção vamos apresentando a diferenciação entre o papel da educação física frente aos imaginários que historicamente foram construídos em torno dessa área do conhecimento e buscamos desenvolver um olhar crítico acerca dessa disciplina, compreendendo que a educação física não é só esporte, mas, vai além e visa alcançar estruturas socioeducativas.

No capítulo seis propomos novas estratégias para lidar com o uso de substâncias psicoativas entre jovens. Apresentamos nessa seção os núcleos de sentidos divididos em quatro principais categorias, a saber, I) a escola como um espaço privilegiado para proteção social, criação de vínculos e formação integral dos estudantes; II) a compreensão do potencial formativo do esporte e de outras práticas corporais, além de sua contribuição no combate ao sedentarismo; III) a utilização e realização de competições escolares como estratégia de engajamento dos estudantes; e IV) a utilização de produtos educacionais como instrumentos de apoio às ações de prevenção e promoção da saúde no ambiente escolar.

O último capítulo apresenta a conclusão da pesquisa, destacando as necessidades de aprimoramento nos setores educacional e de saúde, além da ampliação do conhecimento e das práticas dos profissionais de educação física e saúde. Em todos os capítulos e subtópicos, destacamos como o PSE e os profissionais de educação física e saúde são fundamentais na elaboração de estratégias que ajudam a superar o uso de substâncias psicoativas entre jovens na sociedade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O uso das substâncias psicoativas afeta diretamente o sistema corporal do ser humano, causando graves consequências biológicas e sociais. Nos próximos tópicos vamos abordar de forma aprofundada o uso de substância psicoativas e seus efeitos negativos entre os jovens, além de apontar a importância de programas como o PSE e os profissionais de saúde e docentes da Educação Física.

2.1 Substâncias Psicoativas: uma questão intersetorial

O uso de substâncias psicoativas é um problema complexo que afeta múltiplas dimensões da sociedade, indo muito além das fronteiras do sistema educacional. Para lidar de forma eficaz com o problema, é necessário envolver setores como saúde, assistência social, segurança pública e políticas públicas, integrando esforços que possam atacar as raízes do problema e suas manifestações.

A complexidade do problema do uso de substâncias psicoativas está enraizada em uma série de fatores sociais, culturais e econômicos. Segundo os estudos de Aguiar (2022, p. 6) a “Teoria do Etiquetamento Social, desenvolvida no âmbito da sociologia interacionista parte da premissa de que o desvio não é uma qualidade intrínseca ao ato ou ao indivíduo, mas sim o resultado de um processo social de rotulação e estigmatização”. Portanto, a colaboração entre os setores de saúde, assistência social, educação e segurança pública pode potencializar os esforços de prevenção e tratamento, criando um sistema mais integrado e eficaz.

Alguns exemplos de abordagens intersetoriais bem-sucedidas reforçam essa perspectiva. Países como a Islândia, Portugal, Canadá, Estados Unidos e Brasil criaram programas que combinam educação, saúde, e segurança pública que demonstraram eficácia na redução do uso de substâncias de abuso. Entre os programas destaca-se “Planet Youth” (Islândia) e “Saúde na Escola” (Brasil) que procura orientar os jovens a se prevenir a não realizar o uso de substâncias psicoativas. Um estudo de Costa, Camurça e Braga (2012) aponta que um dos inúmeros fatores que leva os jovens a usar substâncias psicoativas são vulnerabilidades sociais das comunidades periféricas carentes. Isso se amplia quando não há uma comunicação entre os setores públicos para solução dos problemas que afetam a sociedade das periferias brasileiras.

Os fatores de realidades territoriais, ou seja, fatores de ocupação do espaço pela sociedade denotam uma hierarquia social e econômica que desempenham um papel crucial na dinâmica do uso de substâncias psicoativas entre jovens e outras pessoas de faixa etária distintas. A falta de acesso a recursos e oportunidades de estudos, o acesso ao mercado de trabalho e as opções de lazer e entretenimento, podem levar algumas pessoas a recorrerem das substâncias psicoativas.

A aceitação ou rejeição social das substâncias psicoativas pode variar significativamente entre diferentes grupos e culturas, influenciando as decisões individuais de consumir ou evitar. Ainda se utilizando da “teoria do etiquetamento”, Aguiar (2022, p. 8) nos permite refletir no demarcador racial brasileiro quando nos diz que “no Brasil, marcado por forte seletividade penal — o encarceramento massivo de negros, jovens e pessoas de baixa escolaridade” leva um maior número de reincidentes.

No que concerne aos fatores culturais, estes também exercem uma influência significativa. Veiga-Neto (2003, p.7) nos ensina que historicamente o termo cultura “designava o conjunto de tudo aquilo que a humanidade havia produzido de melhor — fosse em termos materiais, artísticos, filosóficos, científicos, literários etc.”.

Essa abordagem integrada permite a criação de políticas e programas que são mais humanos e eficazes e, abordando o problema de forma holística e promovendo a dignidade e a autonomia dos indivíduos afetados (Becker, 2008). Conforme Stevens (2012) as abordagens intersetoriais têm demonstrado eficácia em diversos cenários ao promover a colaboração entre setores sociais e governamentais. Um exemplo marcante é o Programa de Redução de Danos em Portugal, que, em 2001, que adotou a descriminalização do uso de substâncias psicoativas. Essa mudança deslocou o enfoque da criminalização para o tratamento e a reintegração social, destacando a importância da ação conjunta entre saúde pública, assistência social e sistema judicial. A implementação foi acompanhada por investimentos em serviços como tratamento de dependências, programas de redução de danos e suporte social.

Os Estados Unidos, com o Drug Court Model (Modelo de Tribunais de Drogas) também exemplifica a eficácia das abordagens intersetoriais. Esse modelo, que surgiu na década de 1990, integra o sistema de justiça criminal com serviços de saúde e tratamento de dependências. Roman (2009) destaca que os tribunais de drogas oferecem aos infratores não violentos a oportunidade de participar de programas de tratamento intensivo em vez de cumprir penas de prisão. O sucesso do programa depende da

colaboração contínua entre juízes, promotores, defensores públicos, profissionais de saúde e assistentes sociais.

Esses exemplos ilustram como as abordagens intersetoriais, ao integrarem diferentes setores e recursos, podem potencializar os esforços de prevenção e tratamento do uso de substâncias psicoativas. Integrando saúde, educação, justiça e assistência social, essas iniciativas tratam o uso de substâncias psicoativas de forma ampla, facilitando a reintegração e reduzindo o estigma para soluções sociais.

É importante destacar o papel fundamental da educação na abordagem do uso de substâncias psicoativas. A seguir, será discutido como as práticas educativas podem contribuir e solucionar problemas relacionado ao consumo destas substâncias entre jovens, e os mecanismos de prevenção, conscientização e enfrentamento desse problema, evidenciando a relevância de estratégias pedagógicas integradas nesse contexto.

2.1.1 Substâncias Psicoativas: o papel da educação

O papel da educação na prevenção ao uso de álcool e outras substâncias psicoativas é essencial para construir uma sociedade mais consciente e saudável, e isso se estende à intervenção em diversas disciplinas, incluindo a educação física escolar. Desde a infância, a escola é um espaço privilegiado para a construção de valores e comportamentos, onde professores desempenham um papel crucial na promoção da aprendizagem e no desenvolvimento integral dos alunos.

O estudo de Soares (2017) orienta que a escola é um espaço importante de construção do conhecimento, alcançando temas que despeita diretamente a realidade jovens e adultos na sociedade brasileira, a exemplo do uso de substâncias psicoativas. Os profissionais que fazem parte do quadro docente de uma escola têm esse dever de agir a fim de construir estratégias de prevenção. O autor sugere em um quadro de planos de meta com “objetivos problemas”, “objetivos”, “metas e prazos”, “ações estratégias” e “responsáveis”. Para cada etapa existe uma orientação diferente. Essa ideia pode ser uma das alternativas entre tantas outras que serão apresentadas para resolver os problemas do uso de substâncias psicoativas.

Ao integrar as questões sobre a prevenção de substâncias psicoativas no currículo escolar de forma contínua e colaborativa, viabiliza-se o fortalecimento da parceria entre as instituições educacionais, família e comunidade, criando uma rede de apoio que

capacita os jovens a resistirem às pressões sociais e a tomarem decisões informadas, em um ambiente seguro e promotor de saúde.

Além do que já foi supracitado sobre as questões de prevenção do uso de substâncias psicoativas, é fundamental que o profissional de educação física realize a integração de temas relacionados ao uso contínuo de outras substâncias psicoativas, a exemplo do álcool. As abordagens devem levar em consideração as especificidades do ambiente escolar e a realidade vivida por alunos nos territórios de vulnerabilidade. Isso é especialmente relevante na educação física, onde o processo de ensino e aprendizagem pode ser diretamente ligado ao desenvolvimento de hábitos saudáveis e à formação de valores.

Nesse sentido Bracht *et al.* (2012) nos ensina que:

[...] a necessidade de realizar a discussão na Educação Física Escolar considerando concretamente o "chão da escola", o cotidiano escolar e aqueles que são os responsáveis por suas principais ações: os professores (Bracht *et al.*: 2012, p. 20).

Ainda de acordo com Bracht (*et al.*, 2012, p. 20) é essencial “discutir a Educação Física Escolar com base na realidade do cotidiano escolar e na atuação dos professores”. Essa perspectiva ressalta a importância de uma abordagem prática e contextualizada, que valorize as particularidades do espaço escolar. Além disso, destaca o papel central dos educadores na promoção da saúde e no desenvolvimento integral dos alunos.

Uma crítica recorrente aos programas de prevenção ao uso de substâncias psicoativas em escolas é a ausência de continuidade nas séries posteriores às inicialmente contempladas pelo currículo. Um estudo realizado pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) revelou que não houve diferença estatisticamente significativa no uso de substâncias psicoativas ou em comportamentos relacionados entre os estudantes que participaram do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência - PROERD e aqueles que não participaram (Silva; Gimenez-Paschoal, 2010). Esses resultados reforçam a necessidade de repensar a estrutura e a implementação dessas iniciativas para alcançar impactos mais consistentes e duradouros.

O consumo de álcool em idades tão precoces é duplamente preocupante. Primeiro, porque o sistema biológico dos jovens ainda não está suficientemente maduro para processar o álcool de forma adequada, o que pode causar danos cerebrais e déficits

neurocognitivos. Esses efeitos prejudicam a aprendizagem e o desenvolvimento intelectual (Zeigler *et al.* 2005).

Nessa mesma perspectiva, Gurber *et al.* (1996) e Grant *et al.* (1997) apud Komro e Toomey (2002) afirmam que o início precoce do consumo de álcool está associado a futuros comportamentos problemáticos na adolescência, incluindo violência relacionada ao álcool, acidentes, dirigir sob efeito de álcool, ausência na escola e no trabalho, além de um aumento do risco para o uso de outras substâncias psicoativas.

Um estudo realizado por profissionais da área da saúde revelou que os programas de prevenção ao uso de substâncias psicoativas no Brasil revelam três fases temporais distintas. Na primeira fase, que abrange a década de 1960 até o início dos anos 1970, os programas focavam na disseminação de conhecimento sobre as substâncias psicoativas e suas consequências, com a crença de que a informação sobre os riscos seria fundamental para moldar comportamentos. A segunda fase, que se estendeu dos anos 1970 até o início dos anos 1980, foi marcada por programas afetivos que enfatizavam a clarificação de valores e o desenvolvimento da autoestima (Torcato, 2014).

A partir da década de 1980 e persistindo até os dias atuais, o modelo de “Influência Social” proposto por Gouveia (2013, p.360) no qual nos ensina sobre os valores, atitudes, e opiniões pessoais, “compondo assim as normas sociais e a noção do que é considerado como certo ou errado nas diversas sociedade humanas” tornou-se predominante nas intervenções escolares. No entanto, devido aos resultados limitados desse modelo, surgiram abordagens que incorporam o Desenvolvimento de Competências Pessoais e Sociais, fundamentadas na Teoria de Aprendizagem Social de Bandura (1977), que enfatiza o aprendizado através da observação e imitação de comportamentos, e na Teoria de Comportamento-problema de Jessor (1977), que explora como fatores sociais e pessoais interagem para influenciar comportamentos problemáticos (Botvin, 2000).

Nesse contexto, os programas institucionais que apoiam os alunos a não se envolverem com substâncias psicoativas desempenham um papel crucial na construção de um ambiente escolar seguro e saudável. Analisando os programas como o Drug Abuse Resistance Education (D.A.R.E) e o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (Proerd) observamos que eles são fundamentais para auxiliar os alunos na prevenção ao uso de substâncias psicoativas. Ao serem integrados ao cotidiano escolar e adaptados à realidade dos estudantes, esses programas educam sobre os perigos do uso das substâncias e fortalecem a capacidade dos jovens de resistir à pressão social. Mesmo

assim, ainda é incipiente para a gravidade dos problemas do uso das substâncias que agredem não somente a estrutura biológico do corpo humano, mais também a vida social.

No contexto das intervenções escolares para prevenção ao uso de substâncias químicas, o programa Drug Abuse Resistance Education (DARE), descrito por Clayton, Cattarello e Johnstone (1996), representa uma abordagem multifacetada. O DARE é uma intervenção estruturada para promover a resistência ao consumo substâncias psicoativas entre os jovens. O programa combina elementos cruciais, como a educação sobre as substâncias e seus efeitos, o desenvolvimento de habilidades para resistir à pressão dos pares, e a conscientização sobre a influência dos meios de comunicação na percepção do consumo de substâncias psicoativas. Além disso, o DARE visa fortalecer a autoestima e fomentar a responsabilidade pessoal pela segurança. Estruturado em sessões de uma hora ao longo de 17 semanas, o programa avalia variáveis importantes como o consumo de substâncias, atitudes em relação ao álcool, resistência à pressão dos pares e a percepção dos colegas sobre o uso de substâncias psicoativas.

Mesmo auxiliando de forma positiva os jovens, o programa enfrentou críticas desde seus primeiros anos, embora seus gestores demonstrassem resistência em reconhecê-las. Durante as décadas de 1980 e 1990, diversos estudos destacaram avaliações negativas sobre sua eficácia, gerando preocupações e controvérsias entre acadêmicos e formuladores de políticas orientados por evidências Clayton, Cattarello e Johnstone (1996). Essa resistência em revisar ou avaliar formalmente o programa intensificou o ceticismo, especialmente diante dos altos investimentos que ele demandava. Nos últimos anos, o D.A.R.E. tornou-se o principal programa de prevenção em escolas básicas dos Estados Unidos, recebendo uma média anual de financiamento federal que ultrapassa três quartos de bilhão de dólares (Caputi; McLellan, 2016; West; O'Neal, 2004).

O Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (Proerd), inspirado no modelo DARE dos Estados Unidos, começou a funcionar no Brasil em 1992. O Proerd adapta e emprega abordagens semelhantes, concentrando-se na educação sobre os riscos das substâncias psicoativas, na autoestima e na capacidade de resistir à pressão dos pares. O Proerd visa ajudar os alunos a construir uma atitude crítica sobre o uso de substâncias e a tornar o ambiente escolar mais seguro e saudável (Silva; Gimenez-Paschoal, 2010).

Embora o Proerd não esteja diretamente vinculado à prática esportiva, ao reinterpretar as ideias de Silva e Gimeniz-Paschoal (2010) observa-se que os programas governamentais de prevenção têm promovido mudanças no discurso sobre uso de substâncias psicoativas. Esses programas vêm destacando a importância do desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes, além de incentivar atividades como esportes e manifestações culturais, reconhecendo seu papel na formação integral dos jovens.

Acreditamos que a eficácia dos programas de prevenção ao uso de substâncias psicoativas apresenta mais efeitos quando profissionais de educação são capacitados pelas instituições escolares com treinamentos e formações mensais. Além disso, os educadores bem-preparados são mais capazes de incorporar conteúdo sobre substâncias psicoativas e saúde no currículo de maneira divertida e relevante, criando um ambiente educacional que não apenas ensina, mas também desenvolve habilidades críticas e práticas.

Além do papel essencial dos educadores e do currículo escolar na prevenção do uso de substâncias psicoativas é igualmente importante explorar como a educação física e as práticas esportivas podem contribuir nesse contexto. No próximo tópico, discutido como o esporte pode atuar como uma ferramenta educativa e preventiva, promovendo a saúde e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais que ajudam os jovens a enfrentarem desafios relacionados ao uso de substâncias psicoativas.

2.1.2 Substâncias Psicoativas: o papel da Educação Física e esportes

A distinção entre a Educação Física escolar e o esporte é fundamental para a compreensão das práticas corporais. Embora frequentemente confundidos, a Educação Física não se limita ao ensino de modalidades esportivas; ela se estabelece como componente curricular essencial na formação dos alunos. Utilizando o movimento como meio para o desenvolvimento integral, a disciplina promove a saúde, a autonomia e a inclusão no meio social. Além disso, envolve inúmeras práticas corporais como os jogos, danças, ginásticas e lutas, além de ressignificar o esporte sob um olhar educativo, sendo uma disciplina com grande poder de engajamento entre os educandos.

No contexto escolar, devemos observar importante distinção entre o esporte na escola e o esporte da escola. O primeiro conceito, refere-se a prática do modelo ou modalidade esportiva dentro “da escola”, de cunho competitivo, com regras rígidas e o

seu foco é totalmente voltado para a técnica, privilegiando apenas os alunos com maior talento, o que torna essa prática excludente. Por outro lado, o “esporte da escola” representa uma espécie de adaptação pedagógica, tirando o foco do atleta talentoso, destacando "aluno em desenvolvimento". Essa prática incentiva o educando a pensar sobre o que está fazendo, porque a regra existe, como podemos adaptar e como podemos jogar de forma mais justa, garantindo a participação de todos. Desta forma, o esporte se transforma numa ferramenta educativa de cooperação, respeito e reflexão, com grande poder de inclusão (Vago, 1996).

Cumprir esclarecer que o esporte é um dos conteúdos fundamentais da Educação Física. Ao ingressar no ambiente escolar, ele deve ser ressignificado para melhor contribuir com a formação integral dos alunos. Vale ressaltar que a prática esportiva extracurricular, quando também orientada pedagogicamente, oferece grandes contribuições ao engajamento estudantil e fortalece o potencial do protagonismo juvenil.

A atividade física e os esportes têm um papel crucial na prevenção do consumo de álcool e outras substâncias psicoativas entre a juventude. Apesar de a prática de exercícios físicos poder contribuir para a redução do estresse e da ansiedade, é crucial entender que, em certas situações, a competição e a pressão para alcançar um alto rendimento podem resultar no oposto, intensificando tais sentimentos. Contudo, a prática de esportes proporciona uma atividade saudável e produtiva, que pode afastar os jovens de atitudes nocivas, além de fomentar o aprimoramento de competências sociais e emocionais, auxiliando-os a enfrentar de forma mais eficaz os obstáculos do dia a dia.

Ao incorporar conteúdo que enfatizem os efeitos prejudiciais das substâncias psicoativas na saúde, os professores podem aumentar a conscientização e contribuir para os esforços de prevenção, através de orientações de riscos à saúde e de outras práticas esportivas que podem auxiliar na superação do uso de substâncias psicoativas.

Além disso, o papel dos professores de Educação Física é fundamental na prevenção do uso indevido de substâncias psicoativas, ressaltando seu potencial para colaborar de forma eficaz com as escolas na abordagem preventiva. Os professores de educação física podem criar estratégias que envolvam a integração dos jovens nas escolas com práticas esportivas e projetos que possibilitem a esses estudantes alcancem outros espaços formativos, como às universidades.

Através da educação física os alunos conseguem aprender sobre os perigos associados ao uso de substâncias psicoativas, explicando o que cada substância pode

causar a estrutura biológica do corpo, além de afetar as questões emocionais. Essa abordagem vai além do desenvolvimento físico e inclui educação para a saúde mais ampla, onde a prevenção do uso de substâncias psicoativas é priorizada.

A visão moralista de que o uso das substâncias psicoativas é um ato espontâneo, pode simplificar excessivamente a complexidade do fenômeno, associando o uso de substâncias psicoativas apenas a essa fraqueza moral ou a patologia individual, sem considerar os fatores sociais, econômicos e psicológicos que influenciam o comportamento. Essa abordagem pode limitar a eficácia das estratégias educativas ao reforçar estigmas e dificultar um diálogo mais aberto e contextualizado sobre as verdadeiras motivações e realidades dos jovens, subestimando a necessidade de uma compreensão mais empática e abrangente do fenômeno do uso de substâncias psicoativas.

Neste contexto, alguns projetos adotam os valores do Movimento Olímpico como referência para desenvolver seus objetivos e operacionalizações didático-pedagógicas no ensino de valores olímpicos, um conceito genericamente conhecido como "educação olímpica". Ao longo da história, o esporte tem sido utilizado como uma ferramenta para a educação de valores, funcionando como uma metalinguagem axiológica. Atualmente, diversas iniciativas de intervenção social empregam o esporte para promover a inclusão social, a prevenção de crimes e outros objetivos sociais. Antunes (2018) denominou essas iniciativas de "Projetos Esportivos de Caráter Social" (PECS). Segundo a pesquisadora, os PECS podem ser definidos como:

[...] aqueles empreendimentos de organizações não-específicas da assistência social, que têm na oferta de uma ou mais modalidades esportivas, a principal estratégia de ação para transformar uma parcela da realidade, diminuindo ou eliminando um déficit, ou solucionando um problema social (Antunes, 2018, p. 22).

Diversos programas em todo o mundo têm usado o esporte para ajudar a prevenir doenças. Esses programas combinam atividades físicas com educação sobre os riscos do uso de substâncias psicoativas, criando um ambiente favorável à saúde física e emocional. Um exemplo significativo é o "Midnight Basketball" ("basquete à meia noite", em tradução livre) nos Estados Unidos, que realiza jogos de basquete durante a noite em locais de risco, oferecendo uma opção atraente e segura a atividades que podem incluir substâncias psicoativas (Hartmann, 2019).

Conforme cita Wheelock e Hartmann (2007), os programas de "basquete à meia-noite" têm impacto positivo na redução das taxas de criminalidade em nível municipal.

As cidades que adotam essas ligas conseguiram registrar quedas mais significativas nas taxas de crimes contra a propriedade, especialmente durante o período de maior apoio a essas iniciativas. Embora os resultados possam estar influenciados por diversos fatores de confusão, eles destacam a importância de reconsiderar os efeitos preventivos dos programas esportivos e recreativos populares. Esses efeitos podem estar associados a mecanismos indiretos, como a promoção de publicidade positiva e o fortalecimento da confiança comunitária, enfatizando o potencial transformador dessas iniciativas no tecido social.

De acordo com o blog da Prefeitura de Araraquara (2024), o programa "Escolinha de Esportes", um dos principais programas de inclusão social da região, tem como objetivo atrair mais crianças para a atividade esportiva e aprimorar a sua qualidade de vida. Julio Cezar Invenzioni Alexandre, gerente do programa, enfatizou que a iniciativa proporciona às crianças um aprendizado valioso que elas levam para a vida toda, com o objetivo de alcançar 9 mil estudantes até 2024. As aulas acontecem no período inverso ao escolar, englobando 19 modalidades esportivas.

Assim, como ressalta Rubio (2000), o esporte pode ser visto como um elemento fundamental de socialização. Faz parte do imaginário social e é conhecido por envolver superação de obstáculos, força, triunfo e supremacia como valores individuais, elementos que espelham o padrão social em vigor. Portanto, a Educação Física e os esportes são ferramentas fundamentais para prevenir o uso de substâncias psicoativas entre jovens, promovendo bem-estar físico e emocional, além de oferecer alternativas saudáveis para ocupar o tempo.

Professores podem incorporar discussões educativas sobre os riscos das substâncias psicoativas, aumentando a conscientização e contribuindo para a prevenção. No entanto, é crucial superar abordagens moralistas que simplificam o fenômeno e reforçam estigmas, promovendo estratégias que considerem fatores sociais, econômicos e psicológicos. Exemplos como os Projetos Esportivos de Caráter Social e iniciativas como o "Escolinha de Esportes" demonstram o potencial do esporte na inclusão social e na transformação de realidades vulneráveis. No tópico seguinte faremos a discursão que dialoga diretamente com as especificidades de algumas substâncias psicoativas.

2.1.3 A especificidade das substâncias psicoativas dentro do PSE

Historicamente, a escola tem sido vista como um espaço propício para abordar questões relacionadas à saúde, frequentemente discutidas no contexto do dia a dia. No Brasil, diferentes abordagens foram adotadas ao longo do tempo, variando desde modelos voltados para a conformação dos alunos, passando por práticas de orientação clínica e assistência, até propostas mais recentes que buscam desenvolver a capacidade crítica e a autonomia dos indivíduos, alinhadas à promoção da saúde (Silva; Bodstein, 2016).

O cenário da saúde escolar no Brasil destaca a urgência de intervenções eficazes que promovam a melhoria das condições de saúde dos estudantes, com o objetivo de reduzir a exposição a fatores de risco, como o uso de tabaco, o consumo excessivo de álcool, a alimentação inadequada e o sedentarismo. Pesquisas realizadas em contextos locais ou regionais, especialmente no âmbito do PSE, reforçam a relevância desse panorama, abordando questões como o uso de substâncias, a violência e a obesidade entre os estudantes (Giacomozzi *et al.*, 2012; Brito; Oliveira, 2013).

As políticas e programas públicos nas áreas de saúde e educação desempenham um papel essencial na formação cidadã e na melhoria da qualidade de vida e saúde da população. No que se refere ao PSE, sua implementação deve ser orientada por eixos de ação, agrupados em cinco componentes: 1) avaliação clínica e psicossocial dos estudantes; 2) ações de promoção de saúde e prevenção de doenças e agravos; 3) educação permanente e capacitação de profissionais da educação, da saúde e de jovens para o PSE; 4) monitoramento e avaliação da saúde dos estudantes; e 5) monitoramento e avaliação do PSE (Casemiro; Fonseca; Secco, 2014; Sícole; Nascimento, 2003).

O PSE preconiza atividades sistemáticas sobre o tema ao longo de todo o ano letivo, por meio da inclusão no Plano Pedagógico das escolas. A escola deve ser um espaço de diálogo, de proteção e de produção de saúde. As ações do PSE congregam outras iniciativas de trabalho já existentes nos estados e municípios (Brasil, 2004).

Os principais conteúdos que podem ser abordados pelo PSE, no contexto da prevenção ao uso de álcool, tabaco, crack e outras substâncias psicoativas são: conceito de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas; diferentes motivações para o uso substâncias psicoativas, seus fatores de risco e forma de proteção; Tipos de substâncias psicoativas e efeitos que causam, bem como as substâncias psicoativas mais utilizadas pelos jovens; capacidade criativa dos jovens para elaboração de proposta de prevenção ao uso de

substâncias psicoativas (Brasil, 2004). Não se trata de uma espécie de ementa educacional, mas de orientações que podem ser articuladas pelos profissionais da educação, especialmente da Educação Física.

Com relação aos objetivos, destacam-se os que seguem: impactar na redução de encaminhamentos para a rede de saúde; qualificar a ação pedagógica e a atenção integral; valorizar e qualificar a função social de profissionais de Saúde e de Educação; ampliar a garantia de direitos das crianças, adolescentes e jovens; contribuir para diminuir o baixo rendimento e a evasão escolar; contribuir para a produção de relações de cooperação, não violência e garantia de direitos no território compartilhado entre escola e equipamentos de saúde; fortalecer os vínculos entre os diferentes sujeitos da comunidade escolar; desenvolver e potencializar as habilidades para a vida e os fatores redutores de vulnerabilidades para uso de substâncias psicoativas; criar e potencializar espaços de diálogo sobre o tema álcool, tabaco e outras substâncias psicoativas (Brasil, 2004).

Esses objetivos fortalece a rede de combate do uso de substâncias psicoativas e amplia o processo educacional dos jovens. Acreditamos que para cada objetivo sendo executado de forma sistematizada o resultado fortalece o uso de substâncias psicoativas entre jovens. Como já mencionamos várias vezes, a educação de um modo geral pode ser um grande dispositivo no auxílio ao combate do uso de substâncias psicoativas. No tópico seguinte vamos apresentar os nossos percursos metodológicos que está dialogado diretamente ao combate do uso de substâncias psicoativas e o papel da educação física, além das abordagens das atividades de campo que foram realizadas, a saber, coleta de dados das entrevistas.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Tipo de estudo

A metodologia adotada nessa pesquisa é o estudo de caso. O estudo pode ser descrito como exploratório e descritivo. A pesquisa descritiva tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, ainda, o estabelecimento de relações entre variáveis (Gil, 2002). Nesse sentido, o caráter descritivo visa narrar as realidades observadas, enquanto o caráter exploratório permite identificar novas questões emergentes relacionadas ao tema. Essa metodologia mostra-se adequada para a investigação de contextos sociais específicos e interações complexas, como a relação entre a prática esportiva e a prevenção de comportamentos de risco entre jovens.

De acordo com Yin (2010), o estudo de caso é aplicado com o objetivo de compreender diferentes fenômenos sociais, especialmente em situações nas quais não há uma delimitação clara entre o fenômeno estudado e o contexto em que ele ocorre. Em contrapartida, o autor aponta algumas limitações na utilização desse método, dentre as quais se destacam o rigor metodológico, a dificuldade de generalização dos resultados e o tempo elevado necessário para sua realização.

Nesse sentido, Yin (2010) ressalta que o investigador possui papel fundamental no desenvolvimento do estudo, devendo manter atenção às generalizações e buscar constantemente o rigor científico na condução e análise da pesquisa. Assim, a escolha desse método justifica-se pela necessidade de investigar em profundidade as experiências, percepções e significados atribuídos pelos atores envolvidos em um contexto específico.

A abordagem de estudo de caso permitiu uma análise detalhada e contextualizada das formas como a educação física e o esporte são vivenciados pelos estudantes e educadores, possibilitando identificar maneiras de aprimorar essas práticas para melhor atender às demandas e necessidades da comunidade escolar.

O método de Estudo de Caso não é caracterizado como uma técnica específica, mas sim como uma forma de organizar dados sociais, preservando a unidade do objeto analisado. Trata-se de uma abordagem que busca realizar uma análise aprofundada de uma situação específica. Além disso, o estudo de caso pode ser entendido como uma

descrição detalhada de uma circunstância ou contexto gerencial, permitindo uma compreensão abrangente do fenômeno em questão (Good; Hatt, 1969; Bonoma, 1985).

3.1.1 Cenário da pesquisa

A escolha do Sertão Cearense Urbano como área de estudo esteve relacionada às particularidades do processo de urbanização em regiões semiáridas do Nordeste brasileiro. Diferentemente dos grandes centros urbanos ou das áreas rurais tradicionais, essas regiões apresentaram dinâmicas sociais próprias, marcadas por desigualdades socioeconômicas, limitações estruturais e desafios relacionados ao acesso a políticas públicas de lazer, saúde e educação (Nunes; Silva, 2020). Esse contexto configurou um cenário relevante para a investigação de estratégias de promoção da saúde e prevenção de comportamentos de risco entre adolescentes.

Dentro desse contexto regional, o estudo foi realizado no município de Crato, localizado no estado do Ceará, que apresentou características representativas das dinâmicas urbanas do interior nordestino. Um estudo de Soares (2017) nos informa que o município apresenta áreas urbanas periféricas marcadas por vulnerabilidades sociais, incluindo desigualdades no acesso a oportunidades educacionais, culturais e econômicas. Tais condições tornaram o município um espaço pertinente para investigar a relação entre práticas esportivas no ambiente escolar e estratégias de prevenção ao uso de substâncias psicoativas entre jovens.

No âmbito institucional, optou-se pela realização da pesquisa no ambiente escolar, uma vez que a escola se configurou como um espaço privilegiado de socialização, formação integral e promoção de práticas educativas voltadas à saúde. Além disso, a escola possibilitou o desenvolver ações educativas de prevenção ao uso de substâncias psicoativas através de formação para os alunos nas disciplinas como a Educação Física, que favoreceram a utilização do esporte e de outras práticas corporais como ferramentas de desenvolvimento socioemocional, fortalecimento de vínculos e promoção de estilos de vida saudáveis.

Tabela 1 - Caracterização das escolas participantes do estudo.

Escola	Caracterização
Escola A	Escola da rede pública municipal localizada em área periférica do município do Crato. Fundada em 27 de maio de 1963, através da lei nº. 658, de 27/05/1963, no governo do então prefeito municipal Pedro Felício Cavalcante. Atende aproximadamente 476 alunos no ensino fundamental II (6º ano 9º ano), distribuídos em 14 turmas.
Escola B	Com mais de quatro décadas de história, a escola foi estabelecida em 21 de junho de 1984 e integra a rede municipal de ensino. Atualmente a instituição possui 423 alunos matriculados, sendo que 207 deles frequentam do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Localizada em um dos bairros com maior índice de violência da cidade, a unidade desempenha um papel fundamental na comunidade local.
Escola C	A Escola, fundada em 27 de junho de 1997, é uma instituição educacional de destaque no Crato, Ceará, atendendo 322 alunos do ensino fundamental, séries terminais. Reconhecida por sua excelência acadêmica, figura entre as três melhores escolas do município. Além de seu desempenho educacional, a escola atua como um importante agente de transformação social em um bairro com desafios de violência e uso de substâncias psicoativas.
Escola D	Escola é localizada no subúrbio do perímetro urbano, em Crato, Ceará, é uma instituição pública com uma rica história desde sua fundação no ano de 1966. Atende cerca de 592 alunos do ensino fundamental II, do 6º ao 9º ano. Com um perfil socioeconômico de alunos classificado como baixo, a escola se destaca pelo seu compromisso com a educação básica, oferecendo um ambiente acessível, com biblioteca, laboratórios de informática e ciências, e quadra de esportes. Em termos de desempenho acadêmico, o IDEB 2023 registrou 77% de aprendizado adequado em Língua Portuguesa e 46% em Matemática para o 9º ano. Contudo, a unidade possui alunos com índice alarmante de violência, uso de substâncias psicoativas.
Escola E	Fundada em 1996, a escola se localiza em um dos bairros mais preocupantes do município de Crato, Ceará. A instituição atende aproximadamente 363 alunos desde o berçário e educação infantil até o Ensino fundamental (1º ao 9º ano). Com um perfil socioeconômico de alunos classificado como abaixo da linha da pobreza, a unidade possui quadra esportiva coberta, que a torna um polo aglutinador daquela comunidade.

Fonte: Documentos das secretarias das escolas.

A pesquisa foi conduzida em cinco escolas da rede pública municipal de ensino (Tabela 1), localizadas em áreas periféricas do perímetro urbano do município do Crato. A escolha dessas escolas baseou-se em sua representatividade no que se referiu ao perfil estudantil exposto a contextos de vulnerabilidade socioeconômica, incluindo riscos relacionados ao uso de substâncias psicoativas entre adolescentes. A coleta de dados ocorreu no período de março a junho de 2025, através de entrevistas no município do Crato, sertão cearense urbano.

3.1.2 Atores participantes

A pesquisa envolveu professores de Educação Física e profissionais de saúde vinculados ao PSE. Os professores contribuíram devido suas experiências na instituição escola e observar o comportamento dos alunos e suas relações dentro do ambiente escolar, desempenhando um papel estratégicos na promoção da saúde e na implementação de ações preventivas no ambiente escolar.

Já os profissionais da saúde lançaram um olhar a partir de questões mais específica relacionada ao uso de substâncias psicoativas e as consequências ao corpo humano e as questões psicoativas. A escolha desses participantes fundamentou-se na relevância de suas atuações na articulação entre educação, esporte e saúde, especialmente no desenvolvimento de iniciativas voltadas à prevenção do uso de substâncias psicoativas entre adolescentes.

Como critérios de inclusão, foram considerados profissionais que atuaram há bastante tempo diretamente no PSE em ações de promoção da saúde ou prevenção no ambiente escolar. Como critérios de exclusão, foram considerados aqueles que não participaram diretamente das atividades do programa nas escolas investigadas ou que não estiveram atuando no período de coleta de dados.

Em relação aos professores de Educação Física, sua participação foi considerada fundamental devido à atuação direta com os estudantes e ao potencial das práticas corporais e esportivas como ferramentas educativas e preventivas. Foram incluídos professores que atuaram nas escolas participantes da pesquisa há pelo menos um ano, garantindo familiaridade com o contexto escolar e com o perfil dos estudantes. Como critérios de exclusão, foram considerados professores que estiveram afastados de suas atividades regulares durante o período de coleta de dados.

Ao final do processo de seleção, participaram efetivamente da pesquisa dez profissionais, sendo cinco professores de Educação Física e cinco profissionais de saúde vinculados ao PSE, com média de idade de aproximadamente 37 anos. Entre os profissionais de saúde participantes, estiveram representadas diferentes áreas de atuação, incluindo um médico, um nutricionista, dois psicólogos e um enfermeiro, todos com experiência em ações de promoção da saúde e prevenção no ambiente escolar.

A presença desses dois grupos profissionais possibilitou uma compreensão mais abrangente das dinâmicas relacionadas à promoção da saúde e à prevenção do uso de substâncias psicoativas nas escolas investigadas. Enquanto os professores de Educação Física atuaram diretamente na mediação de práticas corporais e esportivas no cotidiano escolar, os profissionais do PSE contribuíram com ações educativas, campanhas de conscientização e estratégias de cuidado voltadas ao bem-estar físico, mental e social dos estudantes.

Tabela 2 - Caracterização dos participantes da pesquisa.

Participante	Caracterização
Professor 1	Professor de educação física com vínculo efetivo, com mais de uma década de experiência na docência e lotado na unidade há 6 anos, demonstrando um percurso profissional consolidado. Sua atuação se destaca pela participação ativa em projetos de cunho esportivo-educacional, evidenciando um compromisso com a formação integral de indivíduos por meio do esporte. Adicionalmente, possui vivência significativa em iniciativas voltadas à promoção da saúde através do esporte.
Professor 2	Profissional com 15 anos de efetividade em escola pública, demonstrando vasta experiência e engajamento. Possui mestrado, o que reflete seu aprimoramento como professor. Sua atuação é marcada por uma relação de articulação ativa com os alunos, promovendo um ambiente de confiança e engajamento, essencial para o desenvolvimento integral dos estudantes.
Professor 3	Com graduação em letras e educação física, o professor é pós-graduado em educação física escolar. Há 18 anos trabalha na educação pública. Exerce suas funções na mesma unidade da pesquisa desde o ano de 2023.

Professor 4	Com uma trajetória profissional que se inicia há sete anos com a conclusão de sua formação em educação física, este docente estabeleceu um vínculo efetivo com a instituição. Sua experiência prática em ambiente de sala de aula, contudo, totaliza menos de cinco anos. Professor demonstra boa assiduidade.
Professor 5	Professor de educação física com um percurso profissional de 22 anos, tendo contribuído com a instituição atual por um período de nove anos. Sua qualificação inclui especialização em Educação Inclusiva, o que o habilita a abordar as necessidades educacionais diversas com proficiência.
Profissional PSE 1	A profissional é uma enfermeira com 29 anos de experiência, destacando-se por sua dedicação exclusiva na área da saúde. Nos últimos 15 anos, atua como pilar fundamental no Programa Saúde na Escola (PSE), articulando saúde e educação. Sua sólida formação inclui um Mestrado em Ensino em Saúde, que aprimora sua capacidade de intervenção e gestão no programa.
Profissional PSE 2	Profissional pós-graduada em nutrição clínica, atua no PSE há 2 anos. Com a sua graduação concluída há cinco anos, ela tem se dedicado não apenas ao PSE, mas também a importantes projetos sociais na comunidade.
Profissional PSE 3	Profissional da psicologia, dotada de larga experiência diante do PSE, onde coordenou as ações propostas para as 63 escolas da urbe. É pós graduada em saúde da família e atua junto ao programa há 4 anos.
Profissional PSE 4	Graduada em psicologia há 5 anos e pós graduada em psicologia clínica, atua de forma efetiva em uma UBS da comunidade próximo a uma das unidades educacionais pesquisada, possui 2 anos de experiência no PSE e tem dedicação exclusiva nesta função.
Profissional PSE 5	Graduada recentemente em medicina, a profissional agrega dois anos de valiosa experiência nas ações do Programa Saúde na Escola (PSE). Reside na comunidade e conhece boa parte das famílias.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

No tópico seguinte vamos abordar como aconteceu a pesquisa em seu processo de revisão de literatura e a coleta de dados, mostrando a importância dessa pesquisa. Vamos analisar o que a literatura mostra sobre a pesquisa semiestruturada e as teorias que

apontam a relação entre psicologia, educação e outros setores que permite a prevenção do uso de substâncias psicoativas entres jovens.

3.1.3 Produção do material empírico

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, técnica amplamente utilizada em pesquisas qualitativas por permitir maior flexibilidade na condução do diálogo entre pesquisador e participante. De acordo Minayo (2014), a entrevista semiestruturada caracteriza-se pela utilização de um roteiro previamente elaborado, composto por questões orientadoras que direcionam a investigação, ao mesmo tempo em que possibilitam ao entrevistado liberdade para ampliar suas respostas e apresentar novas perspectivas relacionadas ao tema investigado. Essa característica favorece a exploração aprofundada das percepções, experiências e significados atribuídos pelos participantes ao fenômeno estudado.

Para a condução das entrevistas, foi elaborado um roteiro semiestruturado, construído com base nos objetivos da pesquisa e na literatura relacionada ao tema da promoção da saúde e da prevenção ao uso de substâncias psicoativas no contexto escolar. Esse roteiro foi submetido à apreciação de especialistas durante a banca de qualificação do mestrado, que contribuíram com sugestões e ajustes para o aprimoramento das questões. Foram elaborados dois roteiros distintos, um direcionado aos professores de Educação Física e outro aos profissionais de saúde vinculados ao Programa Saúde na Escola (PSE). Os roteiros utilizados na coleta de dados encontram-se apresentados nos Apêndices A e B deste trabalho.

O processo de convite aos participantes ocorreu por meio de contato direto com os profissionais nas instituições onde atuavam, ocasião em que foram apresentados os objetivos da pesquisa, os procedimentos metodológicos e as garantias éticas relacionadas ao sigilo das informações e ao anonimato dos participantes. Aqueles que aceitaram participar do estudo formalizaram sua participação mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As entrevistas foram realizadas individualmente, em ambiente reservado, buscando garantir condições adequadas de privacidade, conforto e liberdade de expressão dos participantes. O local escolhido para a realização das entrevistas foi a unidade educacional onde atua o profissional da educação. Adicionalmente, as profissionais do

(PSE) foram entrevistados em uma das cinco escolas que se localizava mais próxima da Unidade Básica de Saúde (UBS) de sua atuação, o que facilitou o acesso dos profissionais envolvidos na pesquisa e proporcionou um espaço apropriado para a realização dos encontros.

Durante a realização das entrevistas, as falas dos participantes foram registradas por meio de gravação em áudio, mediante autorização prévia dos entrevistados. Não foi utilizado recurso de gravação em vídeo, com o objetivo de preservar a privacidade dos participantes e proporcionar maior conforto durante o processo de coleta de dados.

Posteriormente, todo o material obtido foi transcrito integralmente, de modo a possibilitar uma análise detalhada das informações coletadas. As transcrições constituíram o corpus de análise da pesquisa e foram utilizadas na etapa posterior de tratamento e interpretação dos dados.

3.1.4 Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo, conforme a metodologia proposta por Bardin (2011). Essa técnica foi escolhida por possibilitar a interpretação sistemática e objetiva do material qualitativo, permitindo identificar significados presentes nas falas dos participantes e compreender padrões discursivos relacionados ao fenômeno investigado.

De acordo com Minayo (2014) as três etapas principais do material empírica pode ser dada da seguinte forma: a primeira etapa correspondeu à pré-análise, momento em que foi realizada a organização do material empírico, incluindo a leitura flutuante das transcrições das entrevistas, a definição do corpus de análise e a elaboração de indicadores iniciais que orientaram o processo analítico. Essa fase permitiu uma aproximação inicial com o conteúdo das falas e a identificação preliminar de temas relevantes para a pesquisa.

A segunda etapa consistiu na exploração do material, na qual foram realizadas a codificação e a categorização das informações presentes nas entrevistas. Nesse momento, os trechos das falas foram selecionados, agrupados e organizados de acordo com seus significados, possibilitando a identificação de unidades de registro e de contexto que contribuíram para a formação das categorias analíticas.

A terceira etapa correspondeu ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação, fase em que os dados foram analisados de forma mais aprofundada,

permitindo a construção de interpretações relacionadas aos objetivos da pesquisa e ao referencial teórico adotado.

As categorias e os núcleos de sentido não foram definidos previamente, mas emergiram a partir da análise do material empírico produzido nas entrevistas. Esse procedimento possibilitou que as interpretações fossem construídas com base nas experiências, percepções e discursos dos próprios participantes, garantindo maior fidelidade ao contexto investigado.

Durante o processo analítico, observou-se que alguns núcleos de sentido foram constituídos a partir de falas exclusivamente de professores de Educação Física, e dos discursos dos profissionais vinculados ao (PSE). Além disso, foram identificados núcleos de sentido construídos a partir de argumentos apresentados por ambos os grupos de participantes, muitas vezes de forma complementar, evidenciando diferentes perspectivas profissionais sobre a relação entre esporte, saúde e prevenção no ambiente escolar.

Ao final da análise, foram identificadas três categorias temáticas principais:

- I) Percepções sobre o Programa Saúde na Escola;
- II) Desafios na relação entre esporte e o uso de substâncias psicoativas.
- III) Estratégias para lidar com substâncias psicoativas por meio do esporte.

Tabela 3 - A presente tabela descreve as categorias e os núcleos de sentido, proporcionando uma visão abrangente dos pontos críticos e das abordagens propostas por profissionais da educação física e da saúde.

Categoria	Núcleo de sentido
Percepções sobre o Programa Saúde na Escola	Falta de integração do programa saúde na escola com a política educacional, com o projeto político-pedagógico da escola (PEF/PS).
	Baixo investimento no programa (PS).
	Falta de integração do programa saúde na escola com o esporte e com o meio social em que os alunos vivem (PEF).
Desafios na relação entre esporte e o uso de substâncias psicoativas	As substâncias psicoativas estão presentes no contexto escolar e estão associadas diretamente a questão da violência escolar (PEF).
	O tema das substâncias psicoativas não é adequadamente abordado nas ações do programa saúde na escola (PEF/PS).

	Trabalhadores (as) manifestam uma visão restrita sobre o esporte como ferramenta educativa e formativa (PS).
	Falta estrutura e investimento no esporte, em projetos sociais e nas equipes de saúde (PS).
Estratégias para lidar com substâncias psicoativas por meio do esporte	Escola como um espaço privilegiado para proteção social, criação de vínculo e formação integral dos estudantes (PEF)
	Potencial formativo do esporte, de outras práticas corporais e combate o sedentarismo (PEF/PS).
	Utilização/realização de competições escolares(PEF/PS).
	Utilização de produtos educacionais (PEF/PS).

Nota: PEF = Profissional Educação Física. PS = Profissional da Saúde.

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Organizamos as ideias dos quadros nos três capítulos que serão apresentados em seguida. Cada um deles especificando as categorias e os respectivos núcleos de sentido, como apresentados na tabela acima

3.1.5 Aspectos éticos

A pesquisa foi conduzida em conformidade com os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil. O projeto foi submetido à apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e obteve aprovação conforme Parecer nº 7.643.703, CAAE 87408725.1.0000.5589, garantindo que todos os procedimentos metodológicos adotados estivessem de acordo com as diretrizes éticas vigentes.

Todos os participantes foram convidados a participar voluntariamente do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), por meio do qual foram informados sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos de coleta de dados, os possíveis riscos e benefícios envolvidos, bem como sobre o direito de desistirem da participação a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo.

Entre os possíveis riscos da pesquisa, considerou-se a possibilidade de desconforto emocional, uma vez que alguns participantes poderiam abordar temas sensíveis relacionados ao uso de substâncias psicoativas e às situações vivenciadas no contexto escolar. Reconheceu-se também a possibilidade, ainda que mínima, de identificação indireta dos participantes a partir de determinadas informações relatadas

durante as entrevistas. Para minimizar esses riscos, foram adotadas medidas rigorosas de proteção dos dados, incluindo o anonimato dos participantes, o sigilo das informações coletadas e a utilização de códigos para identificação dos sujeitos da pesquisa.

Em relação aos benefícios potenciais, o estudo contribuiu para ampliar a compreensão acerca do papel das práticas esportivas no contexto escolar como estratégias de promoção da saúde e de prevenção ao uso de substâncias psicoativas entre adolescentes. Além disso, os resultados obtidos poderão subsidiar o desenvolvimento de ações educativas e políticas públicas voltadas à promoção da saúde e ao fortalecimento de estratégias preventivas no ambiente escolar, especialmente em contextos de vulnerabilidade social.

Para a realização da pesquisa, foi obtida autorização formal das instituições escolares participantes, através do Termo de Autorização e Existência de Infraestrutura devidamente assinado, bem como, dos crivos das Secretarias Municipais de Educação e de Saúde. As escolas envolvidas não foram identificadas no estudo, com o objetivo de preservar o sigilo institucional e a confidencialidade das informações. Todos os materiais produzidos durante o processo de coleta de dados foram armazenados de forma segura e permaneceram acessíveis apenas ao pesquisador responsável, garantindo a proteção da integridade dos participantes ao longo de todo o processo investigativo.

No que se refere ao uso de ferramentas de inteligência artificial, estas foram utilizadas exclusivamente como apoio na revisão da linguagem e organização textual do manuscrito, com o objetivo de aprimorar a clareza e a correção gramatical do texto. Ressalta-se que a concepção da pesquisa, a análise dos dados, a interpretação dos resultados e a elaboração das discussões foram realizadas integralmente pelo pesquisador responsável, garantindo a originalidade e a integridade científica do estudo.

4 PERCEPÇÕES SOBRE O PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA

No que se refere a categoria PSE, foram identificados três núcleos sentidos: I) Falta de integração do PSE com a política educacional e com o projeto político-pedagógico da escola; II) Baixo investimento no programa; III) Falta de integração do PSE com o esporte e com o meio social em que os alunos vivem. Nas seções seguintes, cada uma dessas categorias foi apresentada e discutida separadamente, a partir dos núcleos de sentido identificados nas falas dos participantes. Essa organização buscou aprofundar a análise das diferentes dimensões do fenômeno investigado, evidenciando as percepções, os desafios e as estratégias apontadas pelos professores de Educação Física e pelos profissionais vinculados ao PSE.

4.1 Falta de integração do programa saúde na escola com a política educacional e com o projeto político-pedagógico da escola

Os participantes da pesquisa tiveram percepções importantes sobre as ações desenvolvidas nas escolas voltadas à prevenção do uso de substâncias psicoativas, especialmente aquelas relacionadas ao PSE. As respostas emergiram a partir do questionamento dirigido aos participantes acerca de sua opinião sobre os programas atualmente desenvolvidos no ambiente escolar para lidar com essa temática. Ao refletirem sobre suas experiências profissionais e sobre o cotidiano das escolas, os entrevistados apresentaram diferentes avaliações acerca do funcionamento dessas iniciativas, destacando tanto suas potencialidades quanto suas limitações.

Nesse contexto, as falas de professores de Educação Física e de profissionais da saúde evidenciaram, de forma recorrente, a percepção de falta de integração entre as ações de prevenção e o cotidiano escolar, apontando dificuldades na articulação entre os profissionais da educação e as equipes de saúde responsáveis pela implementação dessas iniciativas:

Eu acho que a gente poderia trabalhar um pouco mais próximos, mas infelizmente a gente não tem esse contato. Muito restrito (profissional da saúde 1).

Olha, eu acho que só a ação de PSE ainda é muito pouco, né? Porque a ação de PSE, ela só acontece uma vez no ano, vamos dizer assim, né? [...] Eu acredito que deveria ter mais encontros (profissional da saúde 2).

Na prática, as ações do PSE, ela acaba sendo pontual e voltada apenas para palestras ou campanhas informativas, sem uma continuidade que envolva efetivamente os alunos no processo educativo, realizado uma vez por ano”. Além do mais, “em uma palestra que eles vão lá, tiram as fotos, mandam para a secretaria, botam na internet e desenvolvem a ação. Então, a comunidade está atendida pelo PSE. Isso nas fotos e nos relatos deles. Mas na prática não está. Se o esporte fosse integrado de forma planejada e constante a esses programas, pode ter certeza que o impacto se tornaria muito mais significativo, porque mobilizaria os jovens de maneira participativa, despertaria o senso de pertencimento e também de estimulação ao protagonismo estudantil (professor 1).

Considero o PSE um programa muito importante, com potencial para trazer diversos benefícios. Porém, na prática, percebo certa falta de transparência e de divulgação sobre suas ações e resultados. Em teoria, o programa é muito bom, mas, na minha vivência, não vejo essa efetividade sendo claramente demonstrada (professor 2).

As percepções apresentadas pelos participantes emergiram quando foram questionados sobre sua opinião acerca dos programas atualmente desenvolvidos nas escolas para a prevenção do uso de substâncias psicoativas, incluindo o PSE. De modo geral, as falas evidenciaram que, embora o programa seja reconhecido como uma iniciativa importante para a promoção da saúde no ambiente escolar, sua implementação tem ocorrido de forma limitada e pouco integrada ao cotidiano das escolas.

Essa percepção está alinhada aos objetivos institucionais do programa, que prevê o desenvolvimento de ações intersetoriais entre os setores de saúde e educação voltadas à formação integral dos estudantes (Brasil, 2011). No entanto, os relatos indicaram dificuldades na efetivação dessas propostas no contexto prático das escolas. Alguns participantes destacaram, por exemplo, a ausência de maior articulação entre os profissionais envolvidos e a baixa frequência das ações desenvolvidas.

Um outro exemplo dessa limitação é a falta de integração do programa saúde na escola com a política educacional e com o projeto político-pedagógico das escolas. As ações são descritas como pontuais, pouco frequentes e desarticuladas do planejamento escolar, o que dificulta sua incorporação ao processo educativo, conforme aponta o professor 3: [...] *“o máximo que aconteceu foi algumas palestras com o pessoal do esporte de saúde, o que eu acho que ainda é muito pouco, para o contexto que a gente vive”*. Esse achado indica que a ausência de uma integração mais sistemática com o planejamento pedagógico tende a dificultar a incorporação das ações do programa ao processo educativo cotidiano. Resultados semelhantes foram apontados por Girard e Hora (2023), que identificaram que fragilidades no conhecimento e no suporte oferecido aos profissionais envolvidos podem comprometer a efetivação do planejamento das ações do

programa, impactando negativamente sua articulação com as práticas educacionais desenvolvidas nas escolas.

Santiago *et al.* (2012), explica que embora o programa saúde na escola esteja estruturado sob a lógica da intersetorialidade, sua implementação ocorre de maneira pontual e pouco articulada com o cotidiano escolar, além de que as ações tendem a ser desenvolvidas de forma fragmentada, sem planejamento sistemático e compartilhado entre os setores. Já Wachs *et al.* (2022) destacam que a articulação intersetorial permanece limitada e que os mecanismos avaliativos priorizam o cumprimento de metas formais, com pouca ênfase na participação dos estudantes e na análise qualitativa das ações.

Esses achados sustentam a crítica de que a intersetorialidade no PSE, embora prevista normativamente, ainda não se consolida como prática efetiva. A ausência de espaços estruturados de escuta discente compromete a adequação das práticas corporais às realidades e interesses dos alunos, reduzindo o potencial formativo e promotor de saúde da Educação Física no contexto escolar

No que se refere ao núcleo falta de integração do programa saúde na escola com a política educacional, um profissional da saúde aponta que o programa saúde na escola é uma estratégia, mas não aponta nenhuma ausência de integração:

Sim, existem estratégias, e a principal delas é o Programa Saúde na Escola (PSE). Esse programa integra ações entre os setores de saúde e educação e conta atualmente com uma nova metodologia desenvolvida em parceria com o Ministério da Saúde, disponível na plataforma UNA-SUS. Essa metodologia oferece cursos online e planos de aula que orientam tanto profissionais de saúde quanto de educação sobre como trabalhar temas de promoção da saúde e prevenção do uso de substâncias (profissional da saúde 5).

Dessa forma, se faz necessário identificar estratégias que possam amenizar essa falta de integração, conforme aponta o profissional da saúde 4:

A sugestão que eu dou é o planejamento das ações a serem desenvolvidas nas escolas junto ao PSE, ao Programa de Saúde na escola, buscando um feedback dos alunos de acordo com as práticas corporais que forem sendo realizadas, desenvolvidas a esse público. Vendo o aluno sendo o termômetro, para saber com o educador físico, com os professores na escola, se o que eles estão desenvolvendo para a saúde dos alunos, aquelas práticas, se é realmente o que eles gostam, o que eles estão acostumados a praticar, se realmente eles estão correspondendo e interagindo com o programa”

Nesse sentido, quando o planejamento das ações desconsidera os interesses e a motivação dos estudantes, corre-se o risco de reproduzir intervenções

descontextualizadas, com baixa adesão e impacto restrito na promoção da saúde (Santiago *et al.*, 2012; Wachs *et al.*, 2022). Ou seja, a ausência de escuta ativa dos alunos não apenas limita a adequação das práticas corporais às suas preferências e contextos culturais, mas também reduz a autonomia da Educação Física escolar no desenvolvimento de ações vinculadas ao Programa Saúde na Escola.

Além disso, essa fragilidade tende a ser intensificada quando associada a outros fatores estruturais, como a limitação de recursos destinados ao programa. Dessa forma, a falta de investimento adequado pode comprometer a implementação de estratégias educativas e preventivas no ambiente escolar, dificultando a articulação entre saúde e educação. Assim, torna-se necessário discutir, a seguir, o baixo investimento no Programa Saúde na Escola, aspecto que também foi apontado pelos participantes como um obstáculo relevante para o desenvolvimento das ações propostas.

4.1.1 Baixo investimento no programa

Durante as entrevistas, também emergiram reflexões relacionadas às condições estruturais e financeiras que influenciam a implementação das ações do PSE no cotidiano das instituições. Alguns participantes destacaram que, embora o programa possua objetivos importantes voltados à promoção da saúde e à prevenção de agravos entre estudantes, sua efetivação pode ser limitada pela quantidade de recursos disponíveis e pela forma como esses recursos são distribuídos entre os setores envolvidos.

Nesse sentido, o baixo investimento destinado ao PSE foi apontado como um fator que pode dificultar a ampliação e a continuidade das ações desenvolvidas nas escolas:

nós temos hoje 63 escolas, 18 mil alunos, o dinheiro que vem o PSE para o município é muito pouco, a educação não vê esse dinheiro, assim, não vem diretamente para a escola, ele vem para a Secretaria de Saúde e a Secretaria de Saúde paga ajuda aos profissionais e a gente precisa potencializar realmente essas atividades e acredito que com esse novo plano do PSE muita coisa será renovada e muita coisa será repensada para ajudar nessas formações

No que se refere ao financiamento no PSE, observa-se que, apesar do expressivo aumento da adesão dos municípios, que passou de 11% em 2008 para 97% no biênio 2021/2022, os recursos financeiros destinados ao programa permanecem insuficientes para garantir sua efetividade (Fernandes *et al.*, 2023). O incentivo financeiro atualmente vigente, estabelecido pela Portaria Interministerial nº 1.055, de 25 de abril de 2017, prevê

o repasse de R\$ 5.676,00 para municípios com 1 a 600 estudantes, acrescido de R\$ 1.000,00 a cada novo intervalo de até 800 estudantes que ultrapasse esse quantitativo, sendo o valor transferido no momento da adesão (Fernandes *et al.*, 2023).

É importante notar que, embora a estrutura de cálculo de 2017 permaneça como referência, a dinâmica de financiamento foi atualizada por portarias anuais que regulamentam os ciclos de adesão, a saber, a portaria GM/MS nº 7.568/2025 (Brasil, 2025). A partir delas, o repasse de recursos no segundo ano do ciclo passou a ser condicionado ao cumprimento de metas monitoradas. Essa nova camada de gestão, embora busque qualificar a aplicação dos recursos, adiciona uma condicionalidade que pode impactar a previsibilidade do financiamento para os municípios, reforçando a complexidade em garantir sustentabilidade financeira do programa.

Contudo, diante da complexidade das ações propostas e da abrangência do público atendido, esses montantes mostram-se limitados para assegurar a continuidade, a integração intersetorial e a qualidade das ações desenvolvidas no âmbito do PSE. O profissional da saúde comenta: [...] “a educação não vê esse dinheiro, assim, não vem diretamente para a escola, ele vem para a Secretaria de Saúde e a Secretaria de Saúde paga ajuda aos profissionais”, corroborando com os achados de Santos e Roggero (2024), que apontam haver uma necessidade da revisão dos protocolos do repasse de financiamento e monitoramento das ações do programa, bem como a necessidade de novas investigações sobre a atuação.

Ademais, além da fiscalização para a adequada utilização dos financiamentos destinados ao programa, torna-se necessário desenvolver estratégias que favoreçam a inserção das práticas corporais e esportivas nas ações do PSE. Da mesma forma, é fundamental considerar os aspectos sociais, culturais e ambientais que fazem parte do cotidiano dos estudantes, uma vez que esses elementos influenciam diretamente na forma como as ações de promoção da saúde são percebidas e incorporadas no ambiente escolar.

Dessa maneira, observa-se que o fortalecimento das ações do programa não depende apenas da ampliação de recursos ou da melhoria na gestão dos investimentos, mas também da construção de estratégias que dialoguem com a realidade vivenciada pelos estudantes e que promovam maior articulação entre os diferentes atores envolvidos no processo educativo e nas políticas de saúde.

Nesse contexto, torna-se pertinente aprofundar a discussão sobre a falta de integração entre o PSE, as práticas esportivas e o meio social no qual os alunos estão inseridos, aspecto que será abordado no tópico a seguir.

4.1.2 Falta de integração do programa saúde na escola com o esporte e com o meio social em que os alunos vivem

Quanto a falta de integração do PSE com o esporte e com o meio social em que os alunos vivem, apenas professores de educação física explanaram sobre essa problemática, possivelmente pelo motivo de que os profissionais da saúde, em geral, não dispõem de formação pedagógica específica voltada à condução de processos educativos no âmbito escolar, diferentemente dos professores, cuja formação inicial e continuada contempla fundamentos didático-pedagógicos e críticos.

O professor 1 aponta que:

um programa de saúde na escola, infelizmente, deixa muito a desejar, porque depois eu vejo que algumas iniciativas esportivas, ou nesse sentido de atividade física ou esportiva, quando ela é integrada à prática pedagógica, ela potencializa o papel educativo do esporte, porque o esporte também é educativo.... Além disso, é fundamental que as ações sejam adaptadas às realidades socioculturais locais (professor 1).

Pode-se notar, na fala do professor 3, a falta de integração do PSE com as práticas esportivas e com o contexto social em que os alunos estão inseridos. Essa situação é agravada pela baixa ou até inexistente presença do programa no ambiente escolar, conforme aponta o próprio professor 3:

Eu acho muito importante, mas na nossa rede municipal [de Crato, Ceará] não tem acontecido de maneira frequente. Eu estou há cerca de três anos e o máximo que aconteceu foi algumas palestras [...] o que eu acho que ainda é muito pouco, para o contexto que a gente vive, poderia ser melhor trabalhado (professor 3).

Os professores de Educação Física enfatizam o caráter burocrático e informativo das ações do programa saúde na escola, frequentemente restritas a palestras isoladas, com baixa participação dos estudantes. Esse modelo tende a apresentar limitações no que se refere à formação crítica e ao engajamento juvenil, conforme apontado pela literatura sobre prevenção ao uso de substâncias psicoativas no ambiente escolar (Carlini-Cotrim; Pinsky, 2012). Nesse sentido, os docentes defendem a integração sistemática do esporte

e das práticas corporais às ações do PSE como estratégia para ampliar o protagonismo estudantil e tornar as intervenções mais significativas. Quando inserido em uma perspectiva pedagógica crítica, o esporte escolar pode contribuir para a promoção da saúde, o fortalecimento de vínculos e a construção de sentidos, superando abordagens meramente preventivas ou normativas (Bracht, 2000; Darido, 2013).

É importante ressaltar que os professores de educação física percebem que as ações do programa são pontuais, pouco integradas e desarticuladas do projeto político-pedagógico da escola. Esses profissionais apontam a baixa frequência das ações e a fragilidade da articulação intersetorial como fatores que limitam a efetividade do programa. Esse cenário repercute diretamente na forma como conteúdos como o esporte são incorporados às ações, evidenciando limites que se expressam, sobretudo, nos desafios relacionados ao enfrentamento do uso de substâncias psicoativas no contexto escolar. Na sequência, serão analisados os principais desafios relacionados à interface entre a prática esportiva e o uso de substâncias psicoativas.

5 DESAFIOS NA RELAÇÃO ENTRE ESPORTE E O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

A análise desta categoria buscou compreender os principais desafios relacionados à articulação entre a prática esportiva e o uso de substâncias psicoativas no contexto investigado. A partir das falas dos participantes, foi possível identificar diferentes percepções e dificuldades presentes no cotidiano escolar, evidenciando aspectos estruturais, institucionais e pedagógicos que interferem na forma como o tema é abordado e enfrentado.

Com base na análise do material empírico, a discussão foi organizada a partir de eixos temáticos, estruturados em núcleos de sentido que emergiram das falas dos participantes. No total, foram identificados cinco núcleos de sentido que expressam os principais desafios percebidos pelos profissionais no contexto estudado: I) as substâncias psicoativas e sua correlação com a violência escolar; II) o tema das substâncias psicoativas não é adequadamente abordado; III) trabalhadoras (os) manifestam uma visão restrita sobre o esporte como ferramenta educativa e formativa; IV) falta de estrutura e investimento no esporte, em projetos sociais e nas equipes de saúde.

5.1 As substâncias psicoativas e sua correlação com a violência escolar

No que se refere ao núcleo sentido as substâncias psicoativas e sua correlação com a violência escolar, as falas dos professores apontam que uso de substâncias psicoativas estão presentes no contexto escolar. Considero que este seja um dos principais achados desta categoria, pois a presença de substâncias psicoativas no contexto escolar não se configura como um elemento secundário, mas como um fenômeno existente no cotidiano das escolas de ensino fundamental e que impacta em múltiplas dimensões do processo educativo. Trata-se de uma questão que influencia o ambiente escolar, nas relações interpessoais, na vivência das aulas de Educação Física, na participação nas práticas esportivas e, sobretudo, nas condições de desenvolvimento integral dos estudantes, conforme pode ser observado nas falas dos professores 1 e 3:

Já aconteceu de pais ou responsáveis chegarem à escola visivelmente alterados, sob efeito de álcool ou drogas (professor 1).

No ambiente que eu trabalho hoje, a gente pode localizar muito facilmente. Estou lotado nas turmas de oitavos e nonos anos. E nessas turmas é visível que eu encontre alunos que façam uso de tais substâncias (professor 3).

As falas dos professores evidenciam que o uso de substâncias psicoativas está presente no cotidiano escolar, manifestando-se tanto no contexto familiar quanto entre os próprios estudantes, embora o professor 4 não veja dessa maneira, como pode ser observado logo abaixo. O relato do professor 1 aponta para situações em que pais ou responsáveis chegam à escola sob efeito de outras substâncias psicoativas, o que revela que o problema ultrapassa os limites da instituição escolar e está inserido em um contexto social e familiar mais amplo. Esse tipo de situação pode gerar impactos diretos na dinâmica escolar, dificultando o diálogo entre família e escola e comprometendo o acompanhamento educacional dos estudantes. Além disso, a presença de responsáveis em estado de alteração pode indicar contextos de vulnerabilidade social e familiar que repercutem no processo de desenvolvimento dos alunos.

Por sua vez, a fala do professor 5 evidencia que o uso de substâncias psicoativas também pode estar presente entre os próprios estudantes, especialmente entre adolescentes dos anos finais do ensino fundamental. A adolescência é considerada um período de maior exposição a comportamentos de risco, incluindo o consumo de álcool e outras substâncias psicoativas, uma vez que se caracteriza por intensas transformações físicas, psicológicas e sociais, bem como pela busca por pertencimento e experimentação (Carlini *et al.*, 2010). Nesse contexto, fatores como pressão de pares, curiosidade e fragilidades no suporte familiar podem contribuir para o início do uso dessas substâncias.

Nesse sentido, estratégias que envolvem práticas esportivas, atividades culturais e ações de orientação podem contribuir para o fortalecimento de vínculos sociais, o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e a construção de ambientes escolares mais protetivos (Carlini *et al.*, 2010).

Outro ponto observado refere-se ao medo de possíveis confrontos ou retaliações, o que pode levar ao evitamento de determinadas temáticas ou até mesmo de alguns espaços escolares, como a quadra esportiva. Essa situação acaba limitando o desenvolvimento de ações educativas relacionadas ao uso de substâncias psicoativas, conforme evidenciado nas falas dos professores 1 e 4:

Eu não estava tendo prática lá, porque a professora que estava antes tinha medo de ir para a quadra, porque teria contato com alguns desses adolescentes. E eu fiz ao contrário, eu preferi ir para lá (professor 4).

É só abrir o Instagram que você começa a ver sites de notícias que mostram adolescentes sendo alvejados a tiro, eles se matam entre eles por conta desse tráfico de substâncias. E dentro da escola, ou às vezes em torno, dentro da escola (professor 1)

Eu nunca tive essa experiência, mas o que a gente escuta muito é os outros professores, que são mais experientes, contando situações que aconteceram. Alguns professores já encontraram alunos consumindo drogas dentro da escola, alunos que moram na comunidade, eles conhecem, eles falam algumas situações que acontecem, mas comigo especificamente nunca aconteceu (professor 4).

Esses relatos evidenciam como o receio de confrontos e retaliações, impulsionado pela presença de substâncias psicoativas e violência no entorno, culmina no evitamento de espaços e temáticas cruciais para a educação. Quanto aos apontamentos dos professores no que se refere aos desafios na relação entre esporte e o uso de substâncias psicoativas, um desafio significativo emerge da associação entre o uso de substâncias psicoativas associadas às vulnerabilidades sociais do território, com relatos de situações concretas de consumo de substâncias psicoativas no entorno e, em alguns casos, no interior da escola.

Inclusive, nesse sentido, o estudo realizado por Beserra *et al.* (2019) analisou que um estudo realizado pela área da saúde no Brasil mostrou que os adolescentes com idades entre 12 e 18 anos, totalizando uma amostra de 643 participantes. Os resultados indicaram que 16,5% dos adolescentes relataram consumo de álcool, enquanto 6,8% afirmaram já ter utilizado substâncias psicoativas ilícitas, evidenciando a presença significativa dessas substâncias no cotidiano juvenil. Esses achados reforçam a necessidade de estratégias de prevenção e promoção da saúde no ambiente escolar, especialmente voltadas para a redução de comportamentos de risco entre adolescentes.

Para Beserra *et al.* (2019) também foi identificada elevada prevalência de violência no contexto escolar, uma vez que 62,2% dos estudantes afirmaram ter sofrido algum tipo de violência, predominantemente praticada por colegas de sala de aula (96,2%). Já no estudo realizado por Aguiar (2022), a partir de dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2015, conduzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério da Saúde e com apoio do Ministério da Educação, foi identificada associação significativa entre o uso de substâncias psicoativas e comportamentos violentos no ambiente escolar. O estudo dos referidos autores analisou dados de escolares brasileiros participantes da pesquisa e evidenciou que estudantes que relataram consumo de substâncias psicoativas ilícitas apresentaram maior

probabilidade de envolvimento em práticas de bullying, com percentuais de 93,8% e 62,0%, respectivamente.

Os docentes reconhecem que o esporte pode ser usado como ferramenta para o afastamento desse comportamento de risco. Contudo, muitas vezes, ainda é desenvolvido de forma desarticulada de seu papel formativo, reduzido à lógica da competição ou do rendimento, o que limita sua potência educativa. Vale ressaltar que, práticas tradicionais na Educação Física escolar, em desacordo com os pressupostos da formação integral e da promoção da saúde, podem favorecer para o afastamento dos alunos do ambiente escolar (Darido, 2004).

Diante desse cenário, em que o uso de substâncias psicoativas se associa às vulnerabilidades do território e à violência escolar, torna-se fundamental analisar como essa temática tem sido institucionalmente abordada no contexto das políticas e ações intersetoriais desenvolvidas na escola.

5.1.1 O tema das substâncias psicoativas não é adequadamente abordado

Embora programas como o PSE busquem integrar as redes de educação e saúde, a prática cotidiana revela uma lacuna significativa na formação específica dos profissionais da saúde, que muitas vezes se sentem inseguros ou tecnicamente incapazes de mediar o diálogo sobre o consumo de substâncias psicoativas e suas interseções com o corpo e o esporte (Brandão, Mahfoud, Gianordoli-nascimento 2011; Soares; Goi, 2025).

Quando professores e profissionais foram perguntados se existem estratégias de interação entre saúde e educação para abordar o uso de substâncias psicoativas nas escolas, foi identificado que o tema das substâncias psicoativas é realizado, porém, de forma não adequada. O profissional da saúde 3 comenta:

Sim, existe, nós temos o programa PSE, Programa Saúde na Escola e juntamente é uma parceria entre a Educação, o Ministério da Educação e o Ministério da Saúde e que vem o termo para os municípios assinarem, a Secretaria de Saúde, Municipal de Saúde e a Secretaria Municipal de Educação assinam esse termo se comprometendo em trabalhar as 14 ações do PSE. Dentre elas nós temos voltado para álcool e outras drogas e hoje a Secretaria de Políticas contra drogas, álcool e outras drogas do Governo do Estado do Ceará, ela está visitando muito nossa cidade, principalmente preocupado com todos os dados que foi de uma pesquisa de 2023, que detectou alguns bairros vulneráveis e dentro desses bairros as escolas que estão inseridas hoje. (professor 3)

Contudo, o trabalhador da saúde 1, pontua não realizar ações voltadas para o combate ao álcool e outras substâncias psicoativas:

Não tem. Do meu ponto de vista, não tem. Eu já trabalhei [...]. Ainda hoje trabalho no programa de saúde da escola e alguns alunos me pediram para falar sobre a questão dessas drogas e até mesmo dos anabolizantes, porque eles agora estão muito na academia. E aí, assim, eu fiquei muito receosa, porque eu não me senti capaz nem competente para falar sobre isso. A gente precisava de um profissional realmente de educação física, junto com um profissional nutrólogo e um médico que pudesse orientar melhor esses alunos.

Ou seja, a ausência do conhecimento crítico específico sobre a temática se torna uma barreira para inclusão dessa temática. Contudo, conforme aponta o trabalhador da saúde 4, existem estratégias que podem suprir essa problemática:

Pode-se chamar, convidar policiais, como policiais federais ou policiais civis, que muitas vezes têm o mostruário das drogas ilícitas, para fazer uma atividade de educação e saúde, de preferência uma roda de conversa, onde possam ser construídos os conhecimentos, através da roda de conversa, os conhecimentos breves que os alunos possuem, e eles estarem realizando todas as orientações em relação às suas experiências profissionais, na profissão, sobre as drogas ilícitas e o porquê de não utilizá-las, quais as consequências para os estudantes, nessa época propícia principalmente na adolescência. (Profissional PSE 4).

A fala do profissional do PSE evidencia a importância de ações educativas intersectoriais no enfrentamento do uso de substâncias psicoativas entre adolescentes. A proposta de convidar profissionais da segurança pública, como policiais federais ou civis, para participar de atividades educativas na escola pode contribuir para ampliar o debate sobre as substâncias psicoativas ilícitas, principalmente quando essas ações são desenvolvidas em formatos participativos, como rodas de conversa. Esse tipo de estratégia possibilita a construção coletiva do conhecimento, permitindo que os estudantes expressem suas percepções, dúvidas e experiências, ao mesmo tempo em que entram em contato com informações baseadas na experiência profissional dos convidados.

Além disso, atividades dialógicas, como rodas de conversa, favorecem metodologias educativas mais participativas e reflexivas, distanciando-se de abordagens meramente informativas ou punitivas. Segundo Brasil (2011), as ações do Programa Saúde na Escola devem priorizar estratégias educativas que promovam o diálogo, a construção coletiva de saberes e o protagonismo dos estudantes na discussão de temas relacionados à saúde, incluindo a prevenção do uso de álcool, tabaco e outras substâncias

psicoativas. Dessa forma, a articulação entre escola, saúde e outros setores da sociedade pode contribuir para a construção de ambientes escolares mais protetivos e para o fortalecimento das ações de promoção da saúde entre adolescentes.

A insegurança teórica relatada por profissionais da saúde para abordar a temática das substâncias psicoativas, especialmente quando associada ao esporte e ao corpo, revela limites da formação predominantemente biomédica, ainda centrada em um modelo curativo e preventivista. Essa realidade pode ser identificada na fala do profissional da saúde 4:

eu creio que os profissionais de saúde compreendem esse papel do esporte social, educativo e preventivo, porque eles possuem conhecimento sobre as doenças, sobre a origem, sobre a epidemiologia das doenças e sobre o atual cenário brasileiro, onde a taxa de sedentarismo é muito alta e prevalece também um aumento e um alto índice de doenças cardiovasculares. (Profissional PSE 4).

A partir desse relato, é possível interpretar que a ausência de uma formação específica voltada para a abordagem interdisciplinar do tema pode gerar insegurança nos profissionais responsáveis por desenvolver ações educativas no ambiente escolar. Tal cenário torna-se ainda mais relevante quando se considera que os professores, muitas vezes vinculados a outras políticas educacionais e não necessariamente à área da saúde, também são demandados a discutir temas relacionados ao uso de substâncias psicoativas com os estudantes.

Nesse contexto, evidencia-se a importância de iniciativas formativas que contribuam para ampliar o repertório teórico e metodológico desses profissionais. Dessa forma, considerando essas lacunas formativas, foi pensado o desenvolvimento de um produto educacional voltado à formação de professores, estruturado na forma de um curso que possibilite o aprofundamento das discussões sobre esporte, corpo e prevenção ao uso de substâncias psicoativas no contexto escolar.

Estas abordagens tendem a privilegiar aspectos clínicos e epidemiológicos, em detrimento de abordagens educativas, culturais e interdisciplinares, o que dificulta a atuação no ambiente escolar e o diálogo com práticas pedagógicas (Buss; Pellegrini Filho, 2007). Nesse sentido, a sugestão de convocar agentes externos, como forças policiais, para conduzir ações educativas sobre substâncias psicoativas reforça o distanciamento do conhecimento específico, pois estratégias baseadas no medo ou na repressão apresentam baixa efetividade no contexto escolar e tendem a reforçar estigmas, sem promover reflexão crítica ou autonomia dos estudantes (Carlini-Cotrim; Pinsky, 2012).

Essas fragilidades na condução das ações evidenciam não apenas lacunas no processo formativo dos profissionais, mas também repercutem diretamente na forma como o esporte é concebido e utilizado como ferramenta educativa e preventiva no contexto escolar. No tópico seguinte vamos conhecer os campos de visão dos profissionais sobre o uso de substâncias psicoativas em diálogo com os profissionais da saúde.

5.1.2 Trabalhadores manifestam uma visão restrita sobre o esporte como ferramenta educativa e formativa

A presente seção aprofunda a análise da percepção de diferentes profissionais sobre o esporte como instrumento educativo e formativo. Observa-se que, no que concerne ao papel social do esporte, os profissionais da saúde demonstram um conhecimento limitado, conforme evidenciado pelas declarações dos profissionais da saúde 2 e 3:

Sim! Ainda tem muito a que se estudar. Porque quando a gente trabalha em saúde, a gente sabe que dia após dia vai tudo se atualizando, né. Um tratamento de um ano atrás já não é o mesmo de hoje. Vai mudando, vai se atualizando. Mas a gente percebe que cada vez mais eles vão entendendo a dimensão, porque eles mesmos praticam (profissional da saúde 2).

Aquelas UBS que estivessem próximas às escolas levassem para os nossos profissionais para que o profissional fazendo aquela ginástica laboral eles vão ter um melhor desempenho também no seu trabalho, vai melhorar a autoestima, o ânimo da pessoa para trabalhar, então é importante eu acredito e eles sabem disso e é o que a gente precisa passar para professores (profissional da saúde 3)

Por fim, observa-se que outro profissional da saúde, ao adotar uma perspectiva predominantemente biomédica e preventivista, apresenta uma resposta que se distancia da questão proposta. Tal situação pode ser compreendida à luz da formação biomédica ainda predominante nos cursos de graduação na área da saúde, muitas vezes marcada pela ausência de discussões mais aprofundadas sobre abordagens educativas e interdisciplinares. Esse aspecto já mencionado anteriormente torna-se evidente na fala do profissional da saúde 5, que evidencia de forma clara que a formação acadêmica dos profissionais investigados não favorece o desenvolvimento de uma percepção crítica acerca do esporte enquanto ferramenta educativa e formativa.

Eu creio que os profissionais de saúde compreendem esse papel do esporte social, educativo e preventivo, porque eles possuem conhecimento sobre as doenças, sobre a origem, sobre a epidemiologia das doenças e sobre o atual cenário brasileiro, onde a taxa de sedentarismo é muito alta e prevalece também um aumento e um alto índice de doenças cardiovasculares [...]. O esporte tende a amenizar essa situação (profissional da saúde 4).

Nem todos os profissionais de saúde compreendem plenamente essas dimensões. Muitos ainda enxergam o esporte apenas como uma prática de exercício físico, sem reconhecer sua importância social, educativa e preventiva. Isso ocorre, em grande parte, porque a formação desses profissionais costuma ser voltada para aspectos clínicos e menos para a promoção da saúde e prevenção de riscos (profissional da saúde 5).

As falas dos profissionais confirmam que o esporte ainda é visto apenas como um “remédio” para doenças ou melhoria do desempenho físico. Essa visão reduz o papel educativo e social do esporte, o que, segundo Bossle e Franga (2016), acontece porque a formação em saúde ainda é muito focada no corpo biológico. Como aponta Lopes e Nogueira (2020, apud Nascimento e Coutinho, 2025), essa lógica dificulta que o esporte seja usado como uma ferramenta de transformação social. Portanto, a literatura acadêmica mostra que é preciso mudar essa mentalidade para que o esporte seja valorizado também como um espaço de formação humana e cidadania, indo além da simples prevenção de doenças.

Já os professores, apontam que o esporte trabalhado na escola não foca a questão das substâncias psicoativas e muitas vezes não foca em seu papel formativo:

Eu ainda sinto muito essa falta, da presença de projetos e programas que sejam efetivos dentro da escola. Até porque em muitas escolas ainda há um distanciamento entre atividade esportiva e ações sistematizadas de prevenção de uso de drogas [...]. A gente sabe que o esporte na escola, ele tem que ser educativo. E ele deve promover ações voltadas para a saúde. E para o social também. E não ser visto apenas como uma competição esportiva, como um alto rendimento. Isso é lamentável, mas ainda existe (professor 1).

Levando em consideração a fala dos Profissionais do PSE e dos Professores, percebemos convergências e diferenças entre profissionais da saúde e professores de educação física. Ambos reconhecem que o esporte, tal como desenvolvido na escola, não tem sido efetivamente articulado à prevenção do uso de substâncias psicoativas, nem explorado em seu potencial educativo e formativo. Entretanto, os profissionais da saúde apresentam uma visão predominantemente biomédica e preventivista, marcada por insegurança técnica, limitações formativas e dependência de ações pontuais do PSE, além de enfatizarem a falta de investimento, estrutura e profissionais especializados. Já os

professores de educação física demonstram uma percepção mais contextualizada e crítica, ao associar o uso de substâncias psicoativas à violência, às vulnerabilidades do território e às fragilidades das relações escolares, reconhecendo a presença concreta dessas substâncias no cotidiano escolar.

Ou seja, os profissionais da saúde demonstram uma compreensão restrita de seu papel social, associando-o predominantemente à prática de exercício físico, à prevenção de doenças crônicas e à redução do sedentarismo. Essa leitura reforça uma percepção tecnicista sobre o esporte, pouco conectada às suas dimensões educativas, culturais e sociais, conforme amplamente debatido na produção científica da Educação Física brasileira (Bracht, 2000).

Nesse contexto, observa-se que o esporte é frequentemente compreendido apenas como um recurso voltado à promoção da atividade física e à melhoria de indicadores de saúde, sem que sejam consideradas suas potencialidades pedagógicas e formativas no ambiente escolar. Tal perspectiva evidencia limites na compreensão do esporte enquanto fenômeno social e educativo mais amplo, o que pode impactar diretamente na forma como as ações de promoção da saúde são pensadas e desenvolvidas no contexto da escola e da atenção básica. Inclusive, o fato de os profissionais da saúde apontarem para a importância dos profissionais de educação física, psicólogos e assistentes sociais estarem presentes nas Unidades Básicas de Saúde, reforça ainda mais essa discussão. Segundo Malta *et al.*, (2011), a composição incompleta das equipes compromete a efetivação de ações intersetoriais e de promoção da saúde no território escolar.

Para além das limitações conceituais e formativas identificadas, evidenciam-se ainda entraves estruturais e institucionais que condicionam a efetivação das ações de promoção da saúde e de prevenção no território escolar.

5.1.3 Falta de estrutura e investimento no esporte, em projetos sociais e nas equipes de saúde

A insuficiência na estrutura e nos investimentos destinados ao esporte, aos projetos sociais e às equipes de saúde configuram-se como um dos principais desafios para o desenvolvimento de ações efetivas de promoção da saúde e prevenção no contexto escolar. A ausência de espaços adequados, materiais esportivos, recursos financeiros e equipes multiprofissionais qualificadas limita significativamente a implementação de

atividades contínuas e estruturadas, comprometendo o potencial educativo e social do esporte.

De acordo com os profissionais de saúde, o baixo investimento no programa limita a inserção de professores de Educação Física para a abordagem da temática, o que contribui para uma compreensão da sua isenção do conhecimento sobre o papel social do esporte, conforme aponta o trabalhador de saúde 1, 2 e 3:

A gente ainda tem poucos profissionais, na área de educador físico, que na área de esporte mesmo, né, que vá, que monte um projeto, que tem pouco, pouquíssimos, né. [...] Se tivesse pelo menos um em cada unidade, acho que talvez, né? [...] A verdade é essa, né, porque as unidades de saúde elas são programadas para o dentista, para o médico e para o enfermeiro. Ela não é preparada para o educador físico, ela não é preparada para o nutricionista, ela não é preparada para o fisioterapeuta, para o psicólogo, ela não é. (profissional da saúde 1)

Também tem muito a noção do que o PSE pode trazer. Tem profissional que chega, atende e vai embora. Que a gente costuma dizer que é o profissional engessado, só que é saber daquilo ali (profissional da saúde 2).

Era para ter realmente um ambiente adequado para se trabalhar esses jovens e ter investimentos adequados (profissional da saúde 1).

As vezes a gente tem o profissional de atividade física, mas ele não tem uma simples bola para fazer uma atividade. Então, assim, eu acho que precisa, a ponta maior, entender realmente que essas ações do PSE não é uma obrigatoriedade, mas é um complemento, é a efetividade do cuidado (profissional da saúde 2).

A gente precisava mais de apoio, que cada escola tivesse seu kit, vamos dizer assim, um kit de esporte, que a gente sabe que era necessário (profissional da saúde 3).

As falas dos profissionais de saúde evidenciam que o baixo investimento no PSE não se restringe à insuficiência de recursos financeiros, mas repercute diretamente na organização das equipes, na ausência de profissionais estratégicos e na precariedade das condições materiais para o desenvolvimento das ações.

Ainda que o programa preveja uma atuação intersetorial e ampliada, observa-se que, na prática, sua execução permanece centrada em categorias tradicionais da atenção básica, o que limita a incorporação de abordagens que contemplem o esporte e as práticas corporais como estratégias estruturantes de promoção da saúde.

Nesse sentido, conforme já apontado por Malta *et al.* (2011), a composição incompleta das equipes e a precarização das condições de trabalho fragilizam a efetivação de ações intersetoriais no território escolar. A ausência de materiais básicos, como bolas

e kits esportivos, e de espaços adequados revela que a limitação não é apenas técnica, mas estrutural, comprometendo a consolidação de práticas contínuas e sistematizadas.

Além disso, a centralização dos recursos e a baixa capilaridade do financiamento, discutidas anteriormente. O estudo realizado por Santos e Roggero (2024), ajudam a compreender por que as escolas não dispõem de autonomia material para implementar ações mais robustas. Identificam-se uma contradição entre a proposta normativa do programa e suas condições reais de execução.

Contudo, embora ainda que essas limitações estruturais comprometam a consolidação de práticas mais integradas, os participantes também indicam possibilidades concretas de enfrentamento da problemática por meio do esporte no contexto escolar, conforme podemos observar na discussão a seguir.

6 ESTRATÉGIAS PARA LIDAR COM SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS POR MEIO DO ESPORTE

Por fim, no que se refere à categoria estratégias para lidar com substâncias psicoativas por meio do esporte, buscou-se compreender de que maneira os profissionais percebem e mobilizam o esporte e outras práticas corporais como ferramentas de prevenção, promoção da saúde e fortalecimento de vínculos no contexto escolar. A análise das falas evidencia que o esporte pode ser compreendido não apenas como atividade física, mas também como um espaço de socialização, construção de valores e desenvolvimento integral dos estudantes, contribuindo para a redução de comportamentos de risco durante a adolescência.

A partir da análise do material empírico, foram identificados quatro núcleos de sentido que organizam essa discussão: I) a escola como um espaço privilegiado para proteção social, criação de vínculos e formação integral dos estudantes; II) a compreensão do potencial formativo do esporte e de outras práticas corporais, além de sua contribuição no combate ao sedentarismo; III) a utilização e realização de competições escolares como estratégia de engajamento dos estudantes; e IV) a utilização de produtos educacionais como instrumentos de apoio às ações de prevenção e promoção da saúde no ambiente escolar.

6.1 Escola como um espaço privilegiado para proteção social, criação de vínculo e formação integral dos estudantes

A escola se caracteriza como um ambiente propício para a proteção social, a criação de vínculos e a formação integral dos estudantes. Inicialmente, exploramos a perspectiva dos professores que destaca o esporte escolar como um espaço privilegiado para o desenvolvimento não apenas do físico, mas também social, emocional, educativo dos alunos. Nesse sentido, Scaglia, Reverdito e Galatti (2014) afirma que o esporte na escola funciona como uma porta para o desenvolvimento integral, associando a prática esportiva à proteção social e ao fortalecimento dos laços comunitários.

No que se refere a reflexão em torno do privilégio do espaço escolar para proteção social, criação de vínculo e formação integral dos estudantes, apenas professores apontaram essa discussão. O professor 1, explica:

Eu vejo que o esporte escolar, ele apresenta como um espaço privilegiado para a formação integral dos estudantes, né [...] a gente tem que reconhecer, que nossas escolas têm, oferecem um espaço privilegiado que eles adoram, e atuando não apenas nesse desenvolvimento físico, que nossos alunos não atuam só no desenvolvimento físico, mas também a gente atua no social, a gente atua também no emocional, e também a gente atua no educativo. (Professor, 1).

No que se refere a percepção dos professores, da importância da participação ativa dos estudantes e do protagonismo juvenil evidência que os achados deste estudo dialogam com os documentos norteadores da educação brasileira. A base nacional comum curricular orienta que a escola promova o desenvolvimento integral dos estudantes (Brasil, 2013). Além disso, a Lei das diretrizes e bases da educação reforça o papel da escola na formação cidadã e na articulação com políticas públicas intersetoriais, indicando que a promoção da saúde não deve se restringir a ações pontuais, mas integrar o projeto político-pedagógico (Brasil, 1996).

O que pode ser potencializado com a participação de outros atores do ambiente escolar, para além do professor de Educação Física, conforme evidenciado nas falas dos professores 1 e 4:

Eu acredito que existem diversas estratégias pedagógicas, uma delas é o desenvolvimento de projetos interdisciplinares, nos quais os professores de diversas áreas, como educação física, como ciências, língua portuguesa, matemática, geografia, eles trabalham juntos a partir de temas como saúde, como autocuidado, como cidadania, e também algumas estratégias como gincanas educativas (professor 1).

No primeiro mês que eu estava na escola, eu escutei muitos outros professores, não, não tem convívio com esse aluno, não tem convívio com esse aluno. E quando a gente começou a realizar interclasses dentro da escola, seja de futsal, vôlei, basquete, de frisbee, de futebol, a gente percebeu que muitas salas, eu tinha a ideia deles convidarem alguns professores para se fazerem presente com o técnico deles [...] muitos rejeitaram no início, mas com a insistência das competições, fazendo com que toda a comunidade escolar fosse convidada para assistir às competições, os professores foram quebrando um pouco dessa barreira e foram se introduzindo dentro do esporte junto com os alunos (professor 4).

As falas dos professores evidenciam a relevância de sair de um modelo de ensino fragmentado para uma abordagem interdisciplinar, definida como a colaboração e integração de diferentes disciplinas em um esforço conjunto para a resolução de problemas complexos. Quando o Professor 1 sugere projetos unindo Educação Física, Ciências, Matemática e outras áreas em torno de temas como saúde e autocuidado, ele

exemplifica o estabelecimento de conexões que permitem a complementação dos saberes. Essa junção é fundamental para que o aluno entenda a aplicabilidade dos conteúdos de forma empírica, relacionando o que estuda com sua vida prática e cotidiana.

O relato do Professor 4, sobre a resistência inicial de outros docentes em participar dos "interclasses", ilustra desafios reais da implementação dessa prática, como a estrutura rígida do currículo e a ausência de colaboração entre os profissionais da educação. A interdisciplinaridade exige uma mudança de cultura escolar, pois atua como uma abordagem que, ao integrar áreas, "quebra com a resistência imposta pelos limites disciplinares" (Santana; Farias, 2023).

Nesse sentido, a inclusão de outros atores da escola, além do professor de educação física, potencializa o desenvolvimento de habilidades como o raciocínio complexo, a solução de problemas e a cooperação. Essa prática pedagógica crítica retira o estudante do papel de mero receptor de informações e o transforma em um sujeito ativo e agente de transformação na própria vida e no meio em que vive. Portanto, a integração sugerida pelos docentes é o caminho para transformar a escola em um ambiente de aprendizado mais completo e relevante, preparando os alunos para lidar com os complexos desafios do mundo contemporâneo através de uma visão global e não fragmentada do saber (Santana; Farias, 2023).

Contudo, não adianta a inclusão de novos protagonistas, se não existir um vínculo entre o professor com os alunos, conforme aponta o profissional da educação 1 e 4:

Acredito, por ele ser um profissional capaz de saber orientar adequadamente os adolescentes e de criar também uma certa, eu vou usar esse termo, uma certa afinidade. Por ele estar mais próximo do adolescente, ele é capaz de detectar problemas, muitas vezes que são escondidos por eles, ou na escola, ou em casa mesmo (professor 1).

É uma coisa muito delicada. Não é fácil, é muito difícil você chegar até a pessoa, até você conhecer, criar um vínculo. Por estar dentro da educação física, eu sinto que os alunos têm uma abertura a mais para conversar com a gente, dialogar [...] em seguida, após esse diálogo, eu acredito que inserir ele em atividades onde ele possa ser protagonista daquele desenvolvimento, que ele seja visto por alguma importância, também ajuda [...] Eles me ajudam na organização dos campeonatos, eles competem, eles ajudam na tabela, eles ajudam no dia lá para colocar uma caixa de som. Então eu acho que alguma dessas estratégias é o início para se ganhar esse aluno e mais em seguida aprofundar o debate nessa questão de: bora tentar abandonar, bora tentar trocar isso por isso (professor 1).

É muito importante essa questão de campanha, tem que existir, essa campanha de forma contínua, não uma vez por ano, não uma vez por mês, mas de forma contínua, que ela seja integrada às aulas, talvez até a aula de educação física pode ser eficaz essa campanha, porque ela vai estimular a participação

ativa dos alunos e promover também a aprendizagem por meio de experiência (professor 4).

As falas dos docentes evidenciam que o professor de Educação Física ocupa uma posição privilegiada no ambiente escolar para a construção de vínculos com os estudantes, o que pode favorecer a identificação precoce de situações de vulnerabilidade, incluindo o uso de substâncias psicoativas. A proximidade estabelecida nas aulas, geralmente mediadas por práticas corporais, jogos e atividades coletivas, tende a criar um ambiente menos formal de interação, possibilitando maior abertura para o diálogo e para a expressão de experiências pessoais. Nesse sentido, como apontado pelo professor 1, a afinidade construída nesse espaço pode permitir que o docente perceba problemas muitas vezes ocultos no cotidiano escolar ou familiar dos adolescentes.

Quando os alunos são envolvidos em atividades nas quais assumem papéis ativos, como na organização de competições, no apoio logístico ou na participação em decisões coletivas, cria-se um ambiente de protagonismo juvenil que fortalece a autoestima, o sentimento de utilidade e a construção de vínculos positivos com a escola. Esse tipo de estratégia pode contribuir para o desenvolvimento de fatores de proteção frente a comportamentos de risco, incluindo o uso de álcool e outras substâncias psicoativas. De acordo com Bracht (2000), o esporte no contexto escolar pode assumir um papel formativo importante quando compreendido para além da dimensão estritamente técnica, tornando-se um espaço de socialização, construção de valores e desenvolvimento crítico dos estudantes.

Outro aspecto relevante presente nas falas refere-se à importância da continuidade das ações educativas voltadas à prevenção do uso de substâncias psicoativas. Conforme destacado pelo professor 4, intervenções pontuais ou campanhas isoladas tendem a ter impacto limitado. A literatura sobre promoção da saúde no ambiente escolar aponta que estratégias preventivas são mais eficazes quando integradas ao cotidiano pedagógico e desenvolvidas de forma contínua. Nesse sentido, as aulas de Educação Física podem constituir um espaço privilegiado para o desenvolvimento de ações educativas baseadas na experiência, na participação ativa e no diálogo com os estudantes. Segundo Darido e Rangel (2004), as práticas corporais na escola possuem potencial pedagógico para abordar temas relacionados à saúde, à cidadania e à formação integral dos alunos.

Nessa perspectiva, reconhecer a escola como espaço privilegiado de proteção social exige aprofundar a compreensão sobre o potencial formativo do esporte e de outras práticas corporais no desenvolvimento integral dos estudantes.

6.1.1 Compreender o potencial formativo do esporte, de outras práticas corporais e combate o sedentarismo

No que se refere ao papel do esporte para a formação individual, percebe-se divergências quanto a compreensão entre os profissionais da saúde e os professores.

Os profissionais da saúde ressaltam o esporte como estratégia de promoção da saúde e prevenção de agravos, com ênfase nos determinantes sociais, na saúde mental e na orientação para hábitos saudáveis. Destacam ainda seu papel no desenvolvimento físico e cognitivo e na melhoria do processo de ensino-aprendizagem:

Como a gente já estudou muito na área de saúde, os determinantes sociais, então a gente percebe que o lazer, o esporte, a atividade física dentro do contexto escolar se torna bastante importante no quesito de, além de fazer essas atividades práticas, ainda ter a questão das orientações e ajudar os adolescentes a saírem do campo da ociosidade e trazer eles para um campo mais complexo de promoção à saúde e de prevenção de algumas doenças (profissional da saúde 1)

Eu vejo o esporte como uma ferramenta extremamente poderosa para a promoção da saúde entre os estudantes. Ele não apenas fortalece o corpo, mas também tem um papel fundamental na saúde mental, especialmente no período pós-pandemia, quando esse tema se tornou ainda mais urgente. O esporte contribui para melhorar a autoestima, ensina disciplina e colaboração, e promove o bem-estar físico, emocional e social. Ou seja, é uma prática completa para o desenvolvimento integral do aluno [...] as atividades esportivas nas escolas vão além da prática física: elas ensinam valores essenciais, como respeito, cooperação, responsabilidade e trabalho em equipe. Além disso, o ambiente esportivo cria um espaço seguro para que os alunos aprendam a lidar com desafios e frustrações de maneira saudável (profissional da saúde 5)

O esporte é essencial na sala de aula. O estudante precisa se movimentar. A saúde mental dele para a saúde física, motora, vai só melhorar no ensino e aprendizagem dele. Então, nós temos já diretrizes, temos notas técnicas que chegam no Ministério da Saúde pedindo para movimentar esses alunos, que os professores de educação física trabalhem em hora do intervalo, na hora das aulas deles, movimento, esporte, jogos escolares (profissional da saúde 3).

Enquanto os professores compreendem o esporte como ferramenta formativa que transmite valores, fortalece o pertencimento, a disciplina e a autoestima, além de contribuir para a prevenção de comportamentos de risco. Também defendem a ampliação

de sua abordagem para além da perspectiva tecnicista, contemplando dimensões educativas e sociais:

Olha só, o esporte ensina e transmite valores. Valores de superação, valores de união, valores de cooperação [...] Então, à medida que o jovem, ele reconhece e percebe que o esporte pode ensinar esses valores, consequentemente ele vai diminuir esse uso de substâncias psicoativas (professor 4).

porque ela cria oportunidade para que os jovens, eles se sintam pertencentes a um grupo, para que eles desenvolvam disciplina, para que eles criem responsabilidades e para que eles também criem também uma autoestima. Então, através do envolvimento dessas atividades esportivas, esses alunos, eles têm a chance de canalizar suas energias e canalizar também as emoções, tudo isso de forma positiva [...] o esporte ainda não é visto como essa ferramenta tão milagrosa, mas ele é, o esporte, quase que ele faz milagre, quase que faz milagre (professor 1).

Eu acredito que o principal é começar a sair da ideia de trabalhar o esporte só na perspectiva tecnicista [...] vamos dar o exemplo do futebol, você trabalha as outras dimensões do futebol, a importância dele no desenvolvimento da criança, do adolescente, na saúde, nos relacionamentos, nas situações de consumo de drogas [...] Então, quando você amplia o horizonte desses conteúdos, eu acho que tem muito a ajudar. E quando você restringe somente a técnica, acredito que atrapalha um pouco (professor 2).

As falas de profissionais da saúde e professores convergem ao reconhecer o potencial formativo do esporte na promoção da saúde, no desenvolvimento de valores e na construção do vínculo com os estudantes. Entretanto, há diferenças na forma de compreensão desse papel. Os profissionais da saúde, assim como os professores, demonstram uma tendência a abordar o esporte a partir da perspectiva dos determinantes sociais da saúde, enfatizando seus impactos na saúde física e mental, bem como seu potencial na prevenção de agravos. Por outro lado, os professores de Educação Física apresentam uma compreensão pedagógica mais ampliada, destacando o esporte como uma prática educativa intencional, capaz de favorecer o sentimento de pertencimento, estimular o protagonismo juvenil e promover reflexões críticas, especialmente quando ultrapassa abordagens restritas e meramente tecnicistas.

Estes achados refletem a influência da formação na sua formação de opinião como profissional. No que se refere a formação do profissional da saúde, apesar da inserção das teorias mais humanistas, tais como a pedagogia libertadora de Paulo Freire no cuidado em saúde (Lima, *et al.*, 2025), a formação ainda tem um direcionamento pautado na fragmentação da análise do fenômeno do adoecimento, com uma atenção maior na dimensão biológica do ser humano, sustentado pelo foco no sujeito e seu corpo doente e disfuncional (Raimundo; Silva, 2020).

Quanto a formação de professores de educação física, estuda-se sobre as abordagens pedagógicas e como elas podem influenciar no dia-a-dia escolar do aluno. O autor recomenda a possibilidades de práticas pedagógicas que valorizem o ensino das práticas corporais a partir da aproximação com o universo na qual os alunos do ensino médio estão inseridos (Coffani; Gomes, 2021).

Também citado pelos profissionais da saúde, a utilização de outras práticas corporais além das atividades esportivas tradicionais, que podem agregar aos alunos. O profissional da educação 3 comenta:

A gente leva os alunos para fazerem caminhadas, as trilhas, devido nós termos a Chapada do Araripe [...]. Então, todo mês, várias escolas levam os alunos para fazer trilha, contato com o meio ambiente [...] E no mês de junho, que era a semana do município, a gente teve um final de semana, uma semana, o mês inteiro aliás, e várias escolas visitando as trilhas, várias escolas com atividades físicas diferentes. Levamos alunos para andar de bicicleta na Chapada, mais de uns 300 alunos (Professor 3).

As trilhas e o ciclismo na Chapada do Araripe mencionadas no relato, converge para o que a literatura define como Práticas Corporais de Aventura (PCAs). Essas atividades superam o paradigma biologizante da "atividade física" tradicional, focando em um conceito de cuidado ampliado que integra dimensões culturais, sociais e de autoconhecimento (Galvanese; Barros; D'oliveira, 2017). No contexto escolar, o deslocamento para ambientes naturais permite a reintegração entre o ser humano e a natureza o que é essencial para o desenvolvimento de uma consciência crítica e autonomia (Cardoso, 2025).

A fala do profissional sobre a utilização dessas práticas como estratégia complementar na superação do uso de substâncias psicoativas encontra respaldo direto em pesquisas recentes. Ao proporcionar experiências que envolvem estimulação sensorial e desafios, as práticas na natureza tornam-se "reais e palpáveis" para os estudantes, auxiliando na construção de novas referências de saúde e no fortalecimento da subjetividade (Cardoso, 2025; Galvanese; Barros; D'oliveira, 2017).

Além disso, como cita o professor 3, levar "mais de 300 alunos" para trilhas e atividades na Chapada exemplifica a função de "ponte" que as práticas corporais exercem entre a escola e o território. Esse contato com o meio ambiente não apenas promove a saúde física, mas também atua na conscientização ambiental e no sentimento de pertencimento ao local, retirando o estudante de uma posição passiva e transformando-o em protagonista de sua própria trajetória de cuidado (Cardoso, 2025).

Alguns profissionais da saúde também citaram que a inclusão do esporte, além ajudar a lidar com as substâncias psicoativas, pode ajudar a superar o sedentarismo. Como contribui os profissionais 2 e 4:

A gente observa que a prática de esporte, ela vai contribuir para a gente vencer o sedentarismo, para a gente melhorar a saúde de um todo, porque hoje a gente deve entender, eu acho que é primordial uma pessoa que trabalha, um profissional que trabalha de saúde, entender o papel do esporte, da prática da atividade física (Profissional do PSE 2).

Eu creio que a prática esportiva, ela vai impactar na saúde dos estudantes, porque vai auxiliar no combate ao sedentarismo, quanto à prevenção de doenças, quanto à prevenção do sobrepeso, do excesso de peso, vai auxiliar no tratamento daqueles estudantes que possuem transtornos mentais (Profissional do PSE 4).

Fazendo analogia aos que os profissionais relatam, a prática esportiva contribui significativamente para a promoção da saúde e para a prevenção do sedentarismo, sendo considerada uma estratégia eficaz na redução do risco de doenças crônicas, como obesidade, diabetes tipo 2 e doenças cardiovasculares (Warburton; Nicol; Bredin, 2006).

Além disso, a atividade física regular auxilia no controle do peso corporal, prevenindo o sobrepeso e promovendo a manutenção de uma composição corporal saudável, especialmente quando combinada com hábitos alimentares adequados (Jansen *et al.*, 2019).

No que diz respeito à saúde mental, a literatura aponta que a prática de esportes está associada à melhora do humor, redução de sintomas de ansiedade e depressão, e ao aumento da autoestima e do bem-estar geral, sendo um componente importante no cuidado de estudantes com desafios emocionais, ainda que não substitua intervenções clínicas quando necessárias (Souza *et al.*, 2024).

Além disso, estudos indicam que a atividade física regular em crianças e adolescentes contribui para a melhoria do desempenho cognitivo, da atenção e da qualidade de vida, reforçando a importância da inserção de práticas esportivas no contexto escolar como ferramenta de promoção da saúde integral (Ploso *et al.*, 2017).

Portanto, as falas dos profissionais que destacam o papel do esporte na prevenção do sedentarismo, controle do peso e promoção do bem-estar mental estão consistentes com evidências científicas consolidadas. Para além das distintas concepções formativas e das divergências conceituais identificadas, a prática competitiva também emerge como estratégia recorrente nas falas dos participantes.

6.1.2 Utilização/realização de competições escolares

A implementação de competições esportivas no ambiente escolar surge como uma ferramenta valiosa tanto na perspectiva educacional quanto na saúde. Conforme aponta Tubino (2001), o esporte, em sua dimensão educacional, deve visar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para a cidadania, indo além da busca da vitória.

Embora as competições esportivas sejam frequentemente associadas a abordagens tradicionais e tecnicistas no ensino do esporte, os dados deste estudo indicam que sua utilização no contexto escolar pode assumir outros significados pedagógicos. As falas dos participantes revelam que, mesmo partindo de práticas tradicionalmente vinculadas ao rendimento e à disputa, como os jogos interclasses e os campeonatos escolares, é possível ressignificar a competição de modo a favorecer processos educativos mais amplos.

Nesse sentido, a competição não aparece apenas como um espaço de busca por desempenho ou vitória, mas como uma estratégia capaz de mobilizar participação, pertencimento e envolvimento dos estudantes com a escola. Esse aspecto se destaca como um dos principais achados do presente estudo, pois demonstra que práticas historicamente marcadas pelo tecnicismo podem ser apropriadas pedagogicamente de maneira mais crítica e formativa.

A implementação de competições esportivas no ambiente escolar, portanto, emerge como uma ferramenta relevante tanto do ponto de vista educacional quanto da promoção da saúde. Conforme aponta Tubino (2001), o esporte, em sua dimensão educacional, deve contribuir para o desenvolvimento integral do indivíduo e para a formação cidadã, ultrapassando a lógica exclusiva da vitória e do rendimento. Quando orientadas por essa perspectiva, as competições escolares podem favorecer experiências de cooperação, responsabilidade, respeito às regras e convivência coletiva.

Profissionais de ambas as áreas observam que, além de promover a disciplina e o foco, os eventos esportivos, como os jogos interclasses atuam como um importante canal para a gestão do estresse e a melhoria do comportamento dos alunos. Essa abordagem não apenas incentiva um estilo de vida saudável, mas também se mostra eficaz na recuperação de jovens em situações de vulnerabilidade, demonstrando a condição transformadora do esporte.

Complementar as perspectivas mais educacional discutidas anteriormente, tanto os professores quanto os profissionais da saúde também apontam para os benefícios relacionados a competição esportiva. Os profissionais de saúde comentaram:

Eu estive observando na escola que a gente faz o programa Saúde na Família que eles estimulam muito a questão até das competições interclasses. E aí eu conversando com um dos professores, ele até colocou que o comportamento do aluno foi bastante modificado por conta dessas atividades esportivas (profissional do PSE 1).

Então, a prática esportiva dentro da floresta é muito importante e fora dela. E dentro das escolas, nós temos também os jogos escolares [...] Algumas escolas preferem depois das avaliações externas, que os alunos passaram aquele momento muito ansioso e depois extravasam nos jogos. Então, esse período é muito bom porque eles estão ali tirando o estresse das provas (profissional do PSE 3).

Já os professores de educação física apontam:

Quando a gente começa a fazer treinamentos e vai participar de uma competição, eles diminuem isso daí. Eles mesmos falam que vão parar de sair, parar de ir para as festinhas deles, então eu observo que existe uma diferença de quando se tem essa prática esportiva dentro da escola e quando não tem (professor 3).

A gente conversou e pediu que eles realmente focassem no esporte, porque eles precisavam ter um rendimento, e daquela forma eles não teriam [...] E através de muitos treinos, eu consegui fazer com que eles percebessem que o físico deles estava muito mal devido a esse uso. Eles começaram a perceber. Eu pedi que eles passassem algum tempo sem usar algumas coisas. E eles foram combinando ali, na dificuldade e tudo, porque muitos eram até viciados em algumas situações, mas a gente conseguiu trazer um pouco [...] E eu descobri que diante daquela situação, eu poderia tentar reverter algo. E, inclusive, jogos escolares na nossa fase municipal, que foi disputadíssimo, fez algo que o pessoal olhou assim, olha, e quem ganhou foram os meninos lá da escola tal, que eles, uns são usuários, e eles estavam na fase já de abandono disso (professor 3).

Os apontamentos dos profissionais de saúde e dos professores indicam que as competições esportivas no ambiente escolar, especialmente os jogos interclasses e os jogos escolares, são percebidas como estratégias capazes de produzir mudanças positivas no comportamento dos estudantes. Entre os efeitos mencionados estão a redução do estresse, o aumento da disciplina e um maior engajamento com as atividades escolares. De modo geral, os profissionais da saúde tendem a destacar os efeitos da prática esportiva sobre a regulação emocional e o manejo da ansiedade, sobretudo em períodos avaliativos ou em contextos de maior pressão acadêmica.

Já os professores de Educação Física ressaltam os efeitos pedagógicos dessas experiências, enfatizando que a participação em competições pode contribuir para a

diminuição de comportamentos de risco, para o fortalecimento do compromisso com os treinos e para a reorganização das rotinas dos estudantes. Essa percepção pedagógica encontra respaldo em intervenções práticas, como em uma de minhas experiências desenvolvida no sertão Cearense, em Crato, Ceará, entre os anos de 2018 a 2020, que estruturou o esporte como ferramenta de gestão escolar (ver figura 1).

Em uma das minhas experiências como educador, em um contexto de dificuldades que se encontrava no ambiente escolar do Sertão Cearense Urbano, marcado por um índice alarmante de faltas, abandono escolar e reprovação, tive a oportunidade de desenvolver, em parceria com o diretor de uma escola no município de Crato, Ceará, o projeto "Educando com Esporte", implementado entre os anos de 2018 a 2020.

Este projeto estimulou a participação dos alunos em competições esportivas por meio de um sistema de cards positivos e negativos. Esse sistema considerava a frequência escolar, o comportamento disciplinar, a participação nas aulas de educação física e o envolvimento interdisciplinar, monitorando de perto o desempenho dos educandos nas demais disciplinas. Os alunos que acumularam cards positivos tiveram direito a selos necessários para se inscrever nas competições, enquanto aqueles que não cumpriram os critérios foram incentivados a melhorar para as edições subsequentes. Além disso, o projeto abordou questões relacionadas ao uso de substâncias psicoativas, promovendo a conscientização e a inclusão social através do esporte. A competição envolveu não apenas os alunos, mas também a comunidade escolar, com atividades interdisciplinares que visam aumentar o engajamento e fortalecer os vínculos entre os participantes.

Figura 1 - Alunos em uma competição de esporte.



Fonte: Acervo pessoal (2026).

As atividades interdisciplinares propostas no Projeto Educando com o Esporte integraram diferentes áreas do conhecimento, transformando o evento esportivo em um

laboratório de convivência e aprendizado mútuo. Alunos com dificuldades em matemática, por exemplo, passaram a frequentar a escola no contraturno de suas aulas convencionais para compensação e reforço escolar. Isso demonstrou que a busca de um simples selo, obtido a partir do card positivo para efetivar a inscrição, se transformava em uma condição favorável para aquisição de conhecimento na vida dos educandos.

A literatura científica aponta que a participação em atividades esportivas estruturadas pode desempenhar um papel relevante na promoção da saúde mental e no desenvolvimento socioemocional de adolescentes. Estudos indicam que a prática regular de esportes está associada à redução de sintomas de estresse e ansiedade, além de favorecer o desenvolvimento de habilidades como autocontrole, cooperação, disciplina e responsabilidade (Eime *et al.*, 2013). Nesse sentido, quando organizadas no contexto escolar, as competições esportivas podem funcionar como espaços de socialização e pertencimento, contribuindo para o fortalecimento dos vínculos entre os estudantes e a instituição escolar.

No campo da Educação Física escolar, diversos autores argumentam que o esporte pode assumir uma função pedagógica relevante quando orientado por intencionalidade educativa. Bracht (2000) destaca que o esporte, quando apropriado criticamente pela escola, pode favorecer processos de formação que vão além da dimensão técnica ou do rendimento, contribuindo para o desenvolvimento de valores sociais, da cooperação e da reflexão sobre regras e convivência coletiva. Dessa forma, eventos como os jogos interclasses podem constituir oportunidades de aprendizagem significativa, nas quais os estudantes experimentam situações de responsabilidade, organização e participação coletiva.

Segundo Macedo e Alves (2025, p. 12):

Em educação, a utilização de um programa que estimule a atividade psicomotora, especialmente por meio do jogo, permite que o desempenho psicomotor da criança enquanto joga alcance níveis que só mesmo a motivação intrínseca consegue. Estimula a atenção, o engajamento e a imaginação da criança, deixando-a mais calma, relaxada e aprende a pensar, estimulando sua inteligência. Nesse contexto, precisamos deixar claro os pontos de contato com a realidade, a fim de que o jogo seja significativo para a criança. Por meio da observação do desempenho das crianças com seus jogos podemos avaliar o nível de seu desenvolvimento motor e cognitivo.

Além disso, a literatura sobre promoção da saúde no ambiente escolar aponta que o engajamento dos estudantes em atividades esportivas pode atuar como fator de proteção frente a comportamentos de risco, incluindo o uso de álcool e outras substâncias psicoativas. Segundo Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2005), a participação em programas esportivos organizados pode favorecer o desenvolvimento positivo dos jovens ao proporcionar experiências estruturadas de pertencimento, reconhecimento e construção de identidade social. Nesse contexto, as competições escolares podem contribuir para a criação de rotinas mais organizadas, para o fortalecimento de vínculos sociais e para o aumento do compromisso dos estudantes com atividades escolares e extracurriculares.

Assim, a partir das falas analisadas e do diálogo com a literatura científica, observa-se que as competições esportivas podem ser compreendidas como dispositivos pedagógicos e de cuidado no contexto escolar. Quando planejadas de forma educativa e inclusiva, elas podem potencializar tanto processos de promoção da saúde quanto experiências formativas, articulando dimensões físicas, emocionais e sociais no desenvolvimento dos estudantes.

Diante dessas experiências, evidencia-se a necessidade de sistematizar e qualificar tais práticas por meio da elaboração de produtos educacionais que fortaleçam a formação continuada e a atuação intersetorial.

6.1.3 Utilização de produtos educacionais

Por fim, a elaboração de um produto educacional para auxiliar na capacitação e formação continuada dos profissionais de saúde e dos professores foi mencionada. Os profissionais da saúde pontuam:

Acho que primeiro a gente tem que fazer uma oficina com esses profissionais para a gente conhecer as potencialidades, né, do educador físico dentro do nosso município. Saber quais são as escolas que tem esse profissional, que a gente pudesse trabalhar e traçar algumas estratégias de acordo com a realidade de cada escola. Fazer um diagnóstico situacional primeiro e ver de que forma a gente poderia contribuir para aquela comunidade que é assistida naquela escola junto com o profissional (profissional de saúde 1).

Minha principal sugestão é investir em formação continuada para os professores e profissionais de saúde, utilizando as ferramentas já disponíveis, como os cursos e materiais didáticos oferecidos pelo PSE na plataforma UNASUS [...]. Além disso, é fundamental realizar planejamentos conjuntos entre as equipes de saúde e educação, com metas claras e acompanhamento dos resultados. Sempre que possível, incluir os alunos no processo de planejamento torna as ações mais participativas e eficazes, transformando-os em

protagonistas das atividades e fortalecendo o engajamento e o senso de responsabilidade (profissional de saúde 3).

Já os professores de educação física comentam:

é importante que o material estimule, protagonize o estudantil, isso também é de extrema importância, né? Oferecendo a oportunidade para que os próprios alunos participem ativamente dessas ações educativas, jogos, desafios, vídeos curtos. Relatos e atividades esportivas contextualizadas podem também compor esse material (professor 1).

A temática principal que tem que ser trabalhada com esse público é o esporte, a cultura, o lazer, as artes”, o que poderá favorecer a interdisciplinaridade e o protagonismo de outros atores da escola citado anteriormente (professor 4)

Os professores 2 e 3 indicam alguns conteúdos que devem fazer parte desse produto educacional:

Os malefícios que as drogas causam (professor 2).

Alertar sobre as consequências do uso das substâncias (professor 3).

As falas de profissionais da saúde e professores convergem quanto à necessidade de elaboração de um produto educacional voltado à capacitação e formação continuada, reconhecendo-o como estratégia para qualificar as ações no contexto escolar. Ambos defendem que esse produto deve fortalecer a articulação entre saúde e educação e subsidiar práticas mais efetivas. Entretanto, observam-se diferenças de enfoque: os profissionais da saúde enfatizam a importância do diagnóstico situacional, do planejamento intersetorial e da formação técnica, com apoio de materiais institucionais já existentes, como os ofertados pelo programa saúde na escola e pela universidade aberta do Sistema Único de Saúde.

Já os professores de educação física destacam uma abordagem pedagógica centrada no protagonismo estudantil, na interdisciplinaridade e na valorização do esporte, da cultura e do lazer, além de apontarem a inclusão de conteúdos informativos sobre os riscos e consequências do uso de substâncias psicoativas. Assim, enquanto a saúde prioriza a organização e qualificação dos processos formativos, os docentes ressaltam o caráter educativo, participativo e contextualizado do produto.

Os documentos norteadores “Política Nacional de Promoção da Saúde” e a “Base Nacional Comum Curricular” apontam para a importância do protagonismo e autonomia do sujeito, além da sua formação crítica (Brasil, 2017; Brasil, 2018). O que pode explicar a percepção semelhante entre os professores e profissionais da saúde. Inclusive, o uso de

tecnologias educacionais é amplamente utilizado para ações de promoção da saúde em diversos contextos e populações (Beranger *et al.*, 2025).

Contudo, estudos indicam que abordagens exclusivamente informativas apresentam eficácia limitada quando desarticuladas de estratégias pedagógicas dialógicas e contextualizadas (Carlini-Cotrim; Pinsky, 2012). Dessa forma, torna-se fundamental que o produto educacional vá além da transmissão de informações, incorporando metodologias participativas que considerem as experiências, os saberes e o contexto de vida dos estudantes, aproximando-se de perspectivas críticas e não moralizantes no campo da educação em saúde.

O nosso produto educacional oferece um curso de formação voltado para profissionais da educação e saúde, intitulado "Esporte Escolar sob uma Visão Preventiva: Abordagem Pedagógica sobre Substâncias Psicoativas". Esse produto foi criado a partir da sistematização de dados de pesquisa de mestrado, estrutura-se em três módulos interligados, totalizando 30 horas. O Módulo I, "Estratégias Pedagógicas Inovadoras e Protagonismo Juvenil: O novo desafio do Professor", foca na capacitação de educadores e profissionais para estimular o protagonismo juvenil e a construção de conhecimentos em saúde por meio do esporte. Em seguida, o Módulo II, "O Esporte como Ferramenta de Proteção e Emancipação", aprofunda a compreensão do esporte como um instrumento de proteção e emancipação social, transcendendo a visão biomédica e fortalecendo vínculos. Por fim, o Módulo III, "Da Teoria à Prática: Implementando Projetos Esportivos no Ambiente Escolar", visa capacitar os professores a aplicar os conceitos teóricos em ações pedagógicas concretas, utilizando o esporte como vetor para o desenvolvimento integral e a prevenção do uso de substâncias psicoativas no ambiente escolar.

A formação intitulada “Esporte Escolar sob uma Visão Preventiva: abordagem pedagógica sobre substâncias psicoativas”, oferece uma abordagem inovadora para educadores e profissionais da educação, que atuam no ambiente escolar. O foco central é a abordagem das substâncias psicoativas por meio do esporte e das práticas corporais, utilizando uma perspectiva pedagógica emancipatória e de redução de danos. Com carga horária de 30h, o curso de formação é distribuído em três módulos de 10h/aula/atividade.

Desse modo, as estratégias apresentadas indicam que o enfrentamento das substâncias psicoativas por meio do esporte demanda articulação intersetorial, qualificação formativa contínua e intencionalidade pedagógica alinhada à promoção da saúde e à formação integral.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As percepções sobre o Programa Saúde na Escola (PSE), essa revela as fissuras na intersetorialidade. Os professores relataram falta de integração do programa com a política educacional, com o programa atua paralelamente ao planejamento docente, resultando em intervenções fragmentadas. Outro problema identificado pelos participantes é o baixo investimento, onde os recursos repassados são limitados e dificilmente alcançam o "chão da escola", prejudicando a sustentabilidade das iniciativas, impedindo a compra de materiais e a contratação de profissionais em número adequado.

O estudo evidenciou que essa relação entre o esporte e o uso de substâncias psicoativas é atravessada por múltiplas barreiras estruturais, de formação e de segurança pública. Percebe-se que, enquanto o esporte é uma ferramenta com potencial protetivo, a sua efetivação como estratégia emancipadora no ambiente escolar esbarra em limitações materiais, visões fragmentadas de cuidado e em um distanciamento prático entre os setores de saúde e de educação.

Percebemos que existe uma divergência marcante nas perspectivas dos dois grupos: os profissionais de saúde tendem a conceber essa relação sob uma ótica biomédica, vendo o esporte principalmente como uma via para combater o sedentarismo e prevenir doenças; já os professores de educação física demonstram uma percepção mais contextualizada, entendendo o esporte como uma prática formadora de vínculos e pertencimento em um território vulnerável.

Em relação ao PSE concluímos que o programa é visto de forma crítica. As ações preventivas são relatadas como pontuais, desarticuladas do Projeto Político-Pedagógico (PPP) das escolas e burocráticas. Ambas as categorias profissionais apontaram que o PSE muitas vezes se restringe a palestras episódicas que não dialogam com a linguagem do adolescente e não integram as práticas corporais, evidenciando uma falha na sua implementação enquanto política pública contínua. É importante que os temas sejam incorporados aos currículos para que se amplie estratégias de prevenção às substâncias psicoativas, especialmente entre os jovens.

Em termos pedagógicos, os professores de Educação Física participantes da pesquisa destacaram algumas estratégias que consideraram relevantes para enfrentar os desafios identificados no contexto escolar. Entre elas, foram mencionados o trabalho interdisciplinar e o incentivo ao protagonismo juvenil, apontados como caminhos

importantes para ampliar o envolvimento dos estudantes nas ações educativas e nas atividades relacionadas à promoção da saúde.

Além disso, os entrevistados também mencionaram a realização de competições escolares, como os jogos interclasses, bem como a inserção de práticas corporais não tradicionais, a exemplo dos esportes de aventura. Segundo os professores, essas atividades podem contribuir para fortalecer o vínculo dos adolescentes com a escola, uma vez que favorecem a participação ativa dos estudantes, estimulam o senso de pertencimento e ampliam as possibilidades de vivência esportiva no ambiente escolar.

A ação do PSE falha ao ignorar a cultura corporal de movimento dos alunos; as atividades deixam de mobilizar as práticas corporais como ferramentas dinâmicas de conscientização, o que resulta em baixa atratividade para os jovens.

Quanto aos desafios na relação entre esporte e o uso de substâncias psicoativas, houve evidências que o uso indevido destas substâncias estão presentes no contexto escolar estão relacionadas à questão da violência escolar. Nesse contexto, as substâncias psicoativas são fenômenos externos e internos à escola. Elas permeiam o cotidiano, gerando um clima de tensão que afeta a convivência e intimida os profissionais.

As iniciativas do PSE apresentam lacunas no tratamento da temática referente às substâncias psicoativas. O tema não é adequadamente abordado nas ações do programa. Os professores e profissionais de saúde relatam insegurança técnica e conceitual sobre como tratar o assunto sem cair no moralismo. Por vezes, terceirizam essa responsabilidade para as forças policiais, valendo-se da pedagogia do medo, estratégia cuja eficácia é notoriamente questionada.

O estudo ainda mostrou uma falta de estrutura nas equipes de saúde das unidades básicas, além de baixo investimento no esporte e em projetos sociais. A precarização material, como a falta de uma simples bola ou de um educador físico nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), é um entrave determinante que inviabiliza o enfrentamento adequado do problema.

No tocante ao potencial formativo do esporte e de outras práticas corporais e combate o sedentarismo, evidenciou-se a necessidade de superar as abordagens focadas apenas na técnica. Práticas não convencionais, como trilhas, esportes de aventura e o ciclismo, por exemplo, na Chapada do Araripe, apresentaram-se como meios formidáveis de religar o aluno à natureza, ao autoconhecimento e à superação de limites, sendo

fundamentais na construção de novos hábitos, e também ajudou a esclarecer que combater o sedentarismo é mais do que promover atividades físicas episódicas.

Já a realização de competições esportivas escolares demonstra ser um potencial positivo. Jogos interclasses, quando orientados pedagogicamente, provaram ser essenciais no manejo do estresse, na redução da evasão e na diminuição considerável do comportamento de risco, pois exigem do jovem o cumprimento de regras e rotinas incompatíveis com o vício.

Em suma, as evidências desta dissertação atestam que o enfrentamento ao uso de substâncias psicoativas no Sertão Cearense Urbano não se dará por medidas paliativas ou discursos isolados. É necessária a superação do "corpo oprimido" pelas vulnerabilidades sociais, o que só será viável mediante uma verdadeira intersetorialidade, onde o PSE se descentralize e adentre as quadras, e onde o esporte escolar deixe de ser visto como mera recreação ou prevenção de agravos clínicos, assumindo seu lugar irrenunciável de formador de cidadãos conscientes, críticos e dotados de sentido de pertencimento.

É fundamental a articulação de projetos que promova uma conscientização do uso de substâncias psicoativas entre jovens, os levando a refletir seu papel social no mundo. O esporte é um dos caminhos que pode fortalecer essa superação e promover um cenário social diferente daqueles que comumente costumam ver nas páginas jornalísticas, a saber, jovens cometendo crimes e tendo suas vidas e juventude ceifada pela criminalidade. Para que os programas de prevenção ao uso de substâncias psicoativas ocorram nas escolas de forma efetiva é fundamental profissionais capacitados e experientes, sabendo lidar com os desafios cotidianos do ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. A. S. O impacto da exposição às situações de violência sobre o atraso escolar no estado do Ceará. **Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília, n°. 64, 2022.

ANTUNES, S. E. **Projetos esportivos de caráter social**: um estudo de caso com jovens em conflito com a lei. 2018. 185 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos. – (Universidade Federal do Espírito Santo), Vitória, Espírito Santos, 2018.

ARARAQUARA. Prefeitura Municipal de Araraquara. **Edição 2024 do Programa Escolinhas de Esportes tem inscrições abertas**. Disponível em: <<https://www.araraquara.sp.gov.br/>>. Acesso em: 18 nov. 2024.

BANDURA, A. **Social Learning Theory**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall. (BDEFCUL), 1977.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BECKER, H. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Tradução de Maria Luisa X. de Borges. Revisão técnica de Karina Kuschnir. 1.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BERANGER, K. S. *et al.* Educação em saúde com uso de tecnologias educacionais na assistência de enfermagem: revisão integrativa. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, vol. 17, n°. 1, pág. e7322-e7322, 2025.

BESERRA, M. A. *et al.* Prevalência de violência na escola e uso de álcool e outras drogas entre adolescentes. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, vol. 27, pág.110, 2019.

BONOMA, T. V. Case research in marketing: opportunities, problems, and a process. **Journal of marketing research**, vol. 22, n°. 2, pág. 199-208, 1985.

BOSSLE, C. B.; FRAGA, A. B. A racionalidade biomédica desportiva e a materialização do fazer científico na matriz curricular do curso de educação física da UFRGS. **Movimento**, Porto Alegre, vol. 22, n°. 3, 2016.

BOTVIN, G. J. Preventing drug abuse in schools: social and competence enhancement approaches targeting individual-level etiologic factors. **Addictive Behaviors**, vol. 25, n°. 6, pág. 887-997, 2000.

BRACHT, V. *et al.* A Educação Física Escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): parte I. **Movimento**. vol. 17, n°. 2, pág. 20, 2012.

BRACHT, V. Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in)feliz. **Ver. Bras. Cienc. Esporte**. vol. 22, n°.1, pág. 53-63. 2000.

BRANDÃO, J. M.; MAHFOUD, M.; GIANORDOLI-NASCIMENTO, I. F. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. **Paidéia** (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, vol. 21, n°. 49, pág. 263-271, 2011.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: Presidência da República. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em: <://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 16 de Fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. **Programa Saúde na Escola (PSE): caderno do gestor do PSE**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

BRASIL. Ministério da saúde. **Qual o valor do incentivo financeiro do PSE para cada município?** 2007. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pse/faq>. Acesso em: 20 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **A política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Promoção da Saúde. **Guia de Atividade Física para a População Brasileira**. Brasília: Ministério da Saúde, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde: PNPS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde; Ministério da Educação. **Passo a Passo PSE: Programa de Saúde na Escola**. Brasília: MS, 2011.

BRASIL. **Substâncias psicoativas. Saúde Brasil**. 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/glossario/substancias-psycoativas>>. Acesso em: 21 jan. 2025.

BREIVIK, G. Sport in high modernity: sport as a carrier of social values. **Journal of the Philosophy of Sport**, vol. 25, n°. 1, pág. 57-71, Maio 1998.

BRITO, C. C.; OLIVEIRA, M. T. Bullying and self-esteem in adolescents from public schools. **Journal Pediatric** (Rio J). vol. 89, n°. 60, pág. 1-7. 2013.

BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis: revista de saúde coletiva**, Rio de Janeiro. vol. 17. n°. 1, pág. 77-93, 2007.

CAPUTI, T. L.; MCLALLAN, A. T. Truth and D.A.R.E.: Is D.A.R.E.'s new Keepin' it REAL curriculum suitable for American nationwide implementation?. **Drugs Educ Prev Pol.** vol. 24, n°. 1, pág. 49-57, 2017.

CARDOSO, V. F. Práticas Corporais de Aventura no ProEF: análise dos produtos educacionais e estratégias pedagógicas. **Revista Pensar a Prática**, vol. 2, 2025.

CARLINI, E. A. *et al.* **VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras**. Brasília: SENAD, 2010.

CARLINI, E. A.; GALDUROZ, J. C. F.; NOTO, A. R. IV Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em dez capitais brasileiras. São Paulo: [CEBRID] Resultados da pesquisa de avaliação sobre o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência – **Proerd. Boletim CEBRID**, n°. 57, 2008.

CARLINI-COTRIM, B.; PINSKY, I. Prevenção ao abuso de drogas na escola: uma revisão da literatura internacional recente. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n°. 69, pág. 48–52, 1989. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1140>. Acesso em: 2 Fev. 2026.

CASEMIRO, J. P; FONSECA, A. B. C; SECCO, F. V. M.; Promover saúde na escola: reflexões a partir de uma revisão sobre saúde escolar na América Latina. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol.19. n°.3. pág. 829-840. 2014.

CHERVEL, A. História das Disciplinas Esco-lares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Educação**, Porto Alegre: Pannonica, n°. 2, pág. 177-229, 1990.

CLAYTON, R. R.; CATTARELLO, A. M.; JOHNSTONE, B. M. The effectiveness of drug abuse resistance education (project DARE): 5-year follow-up results. **Preventive Medicine**, vol. 25, n°. 3, pág. 307-318, 1996.

COFFANI, M. C. R. S.; GOMES, C. F. Reflexões sobre o fazer pedagógico nas aulas de Educação Física do Ensino Médio. Educ. **Pesqui**, vol. 47, 2021.

GUIMARÃES COSTA, A.; CAMURÇA, V. V.; BRAGA, J. M.; TATMATSU, D. I. B. Drogas em áreas de risco: o que dizem os jovens. **Physis**, Rio de Janeiro, vol. 22, n°. 2, pág. 803-819, 2012.

DARIDO, S. C. Educação física escolar: o conteúdo e suas dimensões. **Pedagogia cidadã: cadernos de formação-Educação Física**, vol. 2, pág. 59-70, 2004.

DEMÉTRIO, A. J.; VIANA, G.; HOEFLICH, V. A. Um estudo sobre o nível de eficiência do Programa Educacional de Resistência às Drogas-Proerd. **Revista Capital Científico-Eletrônica (RCC)**, vol. 2, pág. 51-65, 2013.

DIÁRIO DO NORDESTE. **No Ceará, metade dos estudantes entre 13 e 17 anos já experimentou bebida alcoólica, diz IBGE**. Diário do Nordeste, 20 jan. 2025. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/>>. Acesso em: 21 jan. 2025.

EIME, R. M. *et al.* A Systematic Review of the Psychological and Social Benefits of Participation in Sport for Children and Adolescents: Informing Development of a Conceptual Model of Health through Sport. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, vol. 10, n°. 98, 2013.

FRASER-THOMAS, J. L.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. **Youth sport programs: An avenue to foster positive youth development**. Physical Education and Sport Pedagogy, vol. 10, 2005, pág. 19–40. Disponível em: <<https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7679280/>>. Acesso em: 12. Jan. 2026.

FREIRE, P. Cultural action and conscientization. **Harvard Educational Review**, vol. 40, n°. 3, pág. 452-477, 1970.

GALVANESE, A. T. C.; BARROS, N. F.; D'OLIVEIRA, A. F. P. L. Contribuições e desafios das práticas corporais e meditativas à promoção da saúde na rede pública de atenção primária do Município de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, vol. 33, 2017.

GEERTZ, C. **The interpretation of cultures: selected essays**. New York: Basic Books, 1973.

GIACOMOZZI, A. I.; ITOKAZU, M. C.; LUZARDO, A. R. *et al.* **Levantamento sobre uso de álcool e outras drogas e vulnerabilidades relacionadas de estudantes de escolas públicas participantes do programa saúde do escolar/saúde e prevenção nas escolas no município de Florianópolis**. Saúde Soc. 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIRARD, C. C. P.; DA HORA, D. L. A política de saúde na escola: reflexões sobre o planejamento das ações de promoção da saúde. **Olhar de Professor**, vol. 26, pág. 1-26, 2023.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. **Métodos em Pesquisa Social**. 3ªed., São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969.

GOUVEIA, R. Influência Social. GOUVEIA, Raimundo. Influência social. *In*: CAMINO, L. *et al.* (org.). **Psicologia social: temas e teorias**. 2. ed. rev. e ampl. Brasília, DF: Technopolitik, 2013. p. 357-411.

GRACIANO, A. M. C. **Percepção de Professores sobre a promoção da Saúde em Escolas Públicas do Ensino Fundamental**. Tese de Doutorado em Odontologia, UFMG, Belo Horizonte, 2014.

HARTMANN, D. **Midnight basketball: race, sports, and neoliberal social policy**. University of Chicago Press, 2019.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Crato - Panorama, 2023.

IBGE. **Seis em cada dez estudantes haviam experimentado bebida alcoólica na pré-pandemia**. 2021. Disponível em: < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/31580-seis-em-cada-dez-estudantes-haviam-experimentado-bebida-alcoolica-na-pre-pandemia>>. Acesso em: 17 de Abril, 2026.

JANSEN, W. *et al.* Physical activity and prevention of overweight and obesity in children and adolescents: a systematic review. **Public Health Nutrition**, vol. 22, n°. 3, pág. 405-417, 2019.

JOEL DA SILVA, M. E. L. O.; CAMPOS, V. G. **O Proerd como política pública sobre drogas em Águas Lindas de Goiás**. In: Anais da Conferência Internacional de Estratégia em Gestão, Educação e Sistemas de Informação (CIEGESI). 2012. pág. 454-483.

KOMRO, K. A.; TOOMEY, T. L. Strategies to prevent underage drinking. **Alcohol Research & Health**, vol. 26, n°. 1, pág. 5, 2002.

LIMA, L. G. A. *et al.* Educação em saúde e suas Interfaces: entre uma construção antidialógica e a pedagogia libertadora: entre una construcción antidialógica y una pedagogía liberadora. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, vol. 8, n°. 18, 2025.

MALTA, D. C. *et al.* Família e proteção ao uso de tabaco, álcool e drogas em adolescentes, Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, vol. 14, n°. 1, pág. 166-177, 2011.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

MOIOLI, A.; BAGNI, G. **Competição**: Em que momento inserir? In: MACHADO, A. A.; TERTULIANO, I. W. Educação Física e esporte: novos caminhos. São Paulo: Alexa Cultural, 2017.

MOREIRA, A.; VÓVIO, C. L.; MICHELI, D. D. Prevenção ao consumo abusivo de drogas na escola: desafios e possibilidades para a atuação do educador. **Educação e Pesquisa**, vol. 41, pág. 119-135, 2015.

MOTA, A. G. *et al.* Análise geoespacial da violência urbana: fatores de risco e padrões espaciais nos Bairros de Fortaleza, Ceará. **Revista DCS**, Peru, vol. 22, n°. 81, 2025.

MOURA NASCIMENTO, E.; COUTINHO, D. J. G. Esporte como ferramenta de transformação social. **Revista Ft**. Rio de Janeiro, vol. 29, n°. 150, 2020.

NUNES, M. G. P.; SILVA, C. N. M. da. Nordeste brasileiro: um olhar sobre o semiárido e a convivência com a seca. **GEOTemas**. Pau dos Ferros, RN, Brasil, vol. 10, n°. 3, pág. 148-160, set./dez. 2020.

PLOSO, J. *et al.* Physical activity, sedentary behavior, and quality of life in children and adolescents: a cross-sectional study. **PLoS ONE**, vol. 12, n°. 6, e0187668, 2017.

- RAIMUNDO, J. S.; SILVA, R. B. Reflexões acerca do predomínio do modelo biomédico, no contexto da Atenção Primária em Saúde, no Brasil. **Revista Mosaico**, vol. 11, n°. 2, pág. 109-116, 2020.
- REVERDITO, R. S. *et al.* Developmental benefits of extracurricular sports participation among Brazilian youth. **Perceptual and Motor Skills**, 2017.
- RODRIGUES, E. *et al.* Impactos do esporte na saúde mental de atletas adolescentes. **Revista Contemporânea**, vol. 5, n°. 9, pág. e9067-e9067, 2025.
- ROMAN, J. How do drug courts work? **Journal of Experimental Criminology**, vol. 5, n°. 3, pág. 225-249, 2009.
- ROMERA, L. A.; ORTUZAR, A. M.; QUINTANA, I. L. Educação física escolar e desafios contemporâneos: lazer, juventude e consumo de bebidas. **Humanidades e Inovação**, vol. 7, n°. 10, pág. 238-252, 2020.
- RUBIO, K. **Psicologia do esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- SANTANA, M. C. B.; FARIAS, M. B. Interdisciplinaridade e escola: novos desafios. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, vol. 9, n°. 9, pág. 3051-3060, 2023.
- SANTIAGO, L. M. *et al.* Implantação do Programa Saúde na escola em Fortaleza-CE: atuação de equipe da Estratégia Saúde da Família. **Revista Brasileira de Enfermagem**, vol. 65, n°. 6, pág. 1026-1029, 2012.
- SANTOS, E. M.; ROGGERO, R. Os desafios de uma política pública intersetorial que atenda as questões de saúde dos estudantes da educação básica. **Jornal de Políticas Educacionais**, vol. 18, n°. 1, 2024.
- SANTOS, M. P. G.; PIRES, R. R. C.; ROSA, L. G. L. **Políticas de atenção a pessoas que fazem uso problemático de substâncias psicoativas em contextos de extrema desigualdade social: desafios e possibilidades de ação emergentes na América Latina**, 2021.
- SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S.; GALATTI, L. R. **A contribuição da pedagogia do esporte ao ensino do esporte na escola: tensões e reflexões metodológicas** In: MARINHO, A.; NASCIMENTO, J. V. do; OLIVEIRA, A. A. B. (org.). **Legados do esporte brasileiro**. Florianópolis: Ed. da UDESC, pág. 45-86, 2014.
- SEN, A. **Development as freedom**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- SÍCOLI, J. L.; NASCIMENTO, P. R. Promoção de saúde: concepções, princípios e operacionalização. **Interface**, 2003.
- SILVA, A. G.; GIMENIZ-PASCHOAL, S. R. Pesquisas sobre o programa educacional de resistência às drogas e à violência (PROERD). **Revista LEVS**, n°. 6, pág. 102-114, dez. 2010.

SILVA, A. G.; GIMENIZ-PASCHOAL, S. R. Pesquisas sobre o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD). **Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP**, vol. 6, n°. 6, 2010.

SILVA, C. S.; BODSTEIN, R.C.A. Referencial teórico sobre práticas intersetoriais em Promoção da Saúde na Escola. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, 2016.

SILVA, C. S.; BODSTEIN, R. C. A. Referencial teórico sobre práticas intersetoriais em Promoção da Saúde na Escola. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, vol. 21, pág. 1777-1788, 2016.

SOARES, B. F. Território e espaço urbano: uma análise sobre o processo de formação/expansão do bairro seminário em Crato-CE. **Revista de Geografia**. Recife, vol. 34, n°. 3, 2017.

SOARES, M. C. M.; GOI, M. E. J. Percepções de professores sobre a saúde na escola: desafios e perspectivas. **Cadernos Cajuína**, vol. 10, n°. 1, pág. e914-e914, 2025.

STEVENS, A. **Drug policy, harm and human rights: a rationalist approach**. New York: Springer, 2012.

SURIS, J. C. *et al.* Health risk behaviors in adolescents with chronic conditions. **Pediatrics**, vol. 122, n°. 5, pág. e1113-e1118, 2008.

SOUZA, A. M. *et al.* Corpo em movimento, mente em equilíbrio: o papel da atividade física no tratamento da ansiedade e da depressão. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, vol. 6, n°. 10, pág. 2332–2345, 2024.

TORCATO, C. E. Breve história da proibição das drogas no Brasil: uma revisão. **Revista Inter-Legere**, n°. 15, pág. 138–162, 2014.

TUANO, J. *et al.* Physical activity and mental health in children and adolescents: a systematic review. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, vol. 21, n°. 1, pág. 1-15, 2024.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez, 2001.

MACEDO, G. H. J. P.; ALVES, V. B. Jogos educativos como ferramenta facilitadora da aprendizagem. **Revista Acadêmica Online**, vol. 11, n°. 59, 2025.

VAGO, T. M. O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente. Um diálogo com Valter Bracht. **Movimento**, ano III, n°. 5, 1996, jul/dez. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/download/2228/936/7752>. Acesso em 22 Fev. de 2026.

VEIGA-NETO, A. Cultura, culturas e educação. **Revista brasileira de educação**. Belo Horizonte, n°. 23 (maio/ago. 2003), pág. 5-15.

VOSER, R. C. **Iniciação do futsal: abordagem recreativa**. 3º ed. Canoas, RS: Ulbra, 2004.

WACHS, L. S. *et al.* Avaliação da implementação do Programa Saúde na Escola do Programa de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica: 2012, 2014 e 2018. **Cadernos de Saúde Pública**, vol. 38, 2022.

WARBURTON, D. E.; NICOL, C. W.; BREDIN, S. S. Health benefits of physical activity: the evidence. **Canadian Medical Association Journal**, vol. 174, nº. 6, pág. 801-809, 2006.

WEST, S. L.; O'NEAL, K. K.; Project D.A.R.E. Outcome Effectiveness Revisited. **American Journal of Public Health**. 2004.

WHEELOCK, D.; HARTMANN, D. Midnight basketball and the 1994 crime bill debates: The operation of a racial code. **The Sociological Quarterly**, vol. 48, nº. 2, pág. 315-342, 2007.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 4º ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZEIGLER, D. W. *et al.* The neurocognitive effects of alcohol on adolescents and college students. **Preventive Medicine**, vol. 40, nº. 1, pág. 23-32, 2005.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
FÍSICA EM REDE NACIONAL DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ - PROEF/IFCE****CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES**

Nome (iniciais):	Sexo:
Idade:	Tempo de formação (em anos):
Curso de Graduação:	Curso de Pós-Graduação (se houver):
Tempo de atuação na escola (em anos):	Tempo de atuação no PSE (em anos):
Cargo/Função atual:	Escola onde atua no PSE:

ROTEIRO DE ENTREVISTAS (PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA)

Desenvolver um produto educacional voltado para o esporte escolar, com o objetivo de integrar temas relacionados ao uso de substâncias psicoativas, abordando a prevenção e os impactos desse consumo no contexto dos jovens no ambiente escolar, a partir das contribuições dos sujeitos da pesquisa.

1. O que você pode nos contar sobre a relação entre o esporte escolar e o uso de substâncias psicoativas no ambiente em que você trabalha?
2. Você percebe diferenças na forma como a prática esportiva e o uso de substâncias psicoativas são abordados ou se relacionam no contexto escolar onde você atua (no Sertão Cearense urbano)? Caso sim, quais são essas diferenças?
3. Qual a sua opinião acerca dos programas atualmente desenvolvidos nas escolas sobre prevenção ao uso de substâncias psicoativas (incluindo o próprio PSE)?
4. Em seu contexto de trabalho, o cenário de violência relacionado ao uso de substâncias psicoativas já repercutiu de algum modo? Comente.
5. Quais estratégias pedagógicas você acredita que podem ser usadas para abordar a temática do uso de substâncias psicoativas no esporte escolar?
6. Sobre o material educativo a ser produzido: Para quem você acredita que este material educativo deve ser destinado?
7. Qual você considera que seja a natureza desse material?
8. Qual a temática mais importante que deve ser abordada no material educativo?

APÊNDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA (PROFISSIONAIS DO PSE)**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
FÍSICA EM REDE NACIONAL DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ - PROEF/IFCE****CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES**

Nome (iniciais):	Sexo:
Idade:	Tempo de formação (em anos):
Curso de Graduação:	Curso de Pós-Graduação (se houver):
Tempo de atuação na escola (em anos):	Tempo de atuação no PSE (em anos):
Cargo/Função atual:	Escola onde atua no PSE:

PERGUNTAS

1. Qual a sua visão sobre o impacto do esporte na promoção da saúde entre estudantes?
2. Em sua experiência, o esporte é utilizado como uma ferramenta educacional nas escolas onde atua? Se sim, de que forma?
3. Você acredita que os profissionais de saúde compreendem as diferentes dimensões do esporte, como seu papel social, educativo e preventivo? Por quê?
4. Existem estratégias de integração entre saúde e educação para abordar o uso de substâncias psicoativas nas escolas? Caso existam, quais têm sido mais eficazes?
5. De que forma você avalia a relação entre práticas esportivas e a redução do uso de substâncias psicoativas entre adolescentes?
6. Quais desafios você percebe na implementação de programas que utilizam o esporte como ferramenta para a saúde e prevenção no ambiente escolar?
7. Que sugestões você daria para melhorar a articulação entre o PSE e os professores de Educação Física para potencializar o impacto das atividades esportivas na prevenção ao uso de substâncias?

**APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(TCLE)**

**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM
REDE NACIONAL DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO CEARÁ - PROEF/IFCE**

TÍTULO DA PESQUISA: Esporte escolar e o uso de substâncias psicoativas: reflexões sobre a realidade estudantil no Sertão Cearense Urbano.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Braulio Nogueira de Oliveira

INSTITUIÇÃO: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

CONTATO DO PESQUISADOR: (88)920017656

CONTATO DO CEP-IFCE: Endereço: Rua Jorge Dumar, 1703, Jardim América, CEP 60410-426, Fortaleza-CE / Telefone: (85) 3401 2332 / E-mail: cep@ifce.edu.br

INTRODUÇÃO: Este documento tem como finalidade fornecer informações claras e precisas sobre a sua participação voluntária na pesquisa intitulada “ESPORTE ESCOLAR E O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS: REFLEXÕES DE PROFESSORES E PROFISSIONAIS DE SAÚDE NO SERTÃO CEARENSE URBANO”. Antes de decidir participar, é importante que compreenda os objetivos, benefícios, riscos, procedimentos e seus direitos como participante. Sua participação é totalmente voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento sem prejuízos.

OBJETIVOS DA PESQUISA: Esta pesquisa visa examinar o papel do esporte na vida escolar e sua influência na prevenção do uso de substâncias psicoativas entre estudantes do sertão cearense urbano, propondo formas de integrar a prática esportiva às ações pedagógicas para promover saúde e qualidade de vida.

PROCEDIMENTOS: Como participante desta pesquisa, você responderá a uma série de perguntas que visam compreender o papel do esporte na vida escolar e sua influência na prevenção do uso de substâncias psicoativas entre estudantes do sertão cearense urbano, propondo maneiras de integrar a prática esportiva às ações pedagógicas para promover saúde e qualidade de vida. Estes procedimentos incluem:

Entrevistas Individuais: Foram realizadas entrevistas individuais para aprofundar em temas específicos que surgirem a partir das suas respostas as perguntas realizadas. As entrevistas foram agendadas com antecedência e duraram cerca de 45 a 60 minutos cada.

RISCOS E INCONVENIENTES: A pesquisa foi desenhada para minimizar quaisquer riscos ou desconfortos para os participantes. Todos os dados coletados serão tratados com rigorosa confidencialidade, e informações pessoais, como nomes, incluindo o da escola, não serão registradas ou divulgadas em nenhum momento. Caso algum participante sinta desconforto ou deseje interromper a sua participação, poderá fazê-lo livremente, sem necessidade de justificar o motivo. Além disso, as estratégias adotadas visam evitar qualquer risco associado ao contexto local, incluindo a exposição indireta a questões de segurança, como o tráfico local, preservando assim a integridade de todos os envolvidos.

BENEFÍCIOS: Espera-se que esta pesquisa contribua para aprimorar as práticas pedagógicas que integram o esporte no ambiente escolar, promovendo a saúde e a prevenção ao uso de substâncias psicoativas, embora não haja garantia de benefícios diretos para você como participante. No entanto, sua contribuição será importante para o avanço científico na área da educação e poderá beneficiar futuros estudantes ao fortalecer estratégias de saúde e qualidade de vida na escola.

CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas durante a pesquisa serão mantidas em estrita confidencialidade. Seus dados serão utilizados apenas para fins acadêmicos e científicos, e qualquer divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita sua identificação.

VOLUNTARIEDADE E DIREITO DE RETIRADA: Sua participação nesta pesquisa é completamente voluntária. Você tem o direito de retirar seu consentimento e descontinuar sua participação a qualquer momento, sem qualquer penalidade ou perda de benefícios.

CONSENTIMENTO: Ao assinar este documento, você declara que foi informado(a) sobre os detalhes da pesquisa e que concorda em participar. Esta assinatura não representa uma renúncia aos seus direitos legais.

Assinatura do Participante: _____

Data: ____/____/____

Assinatura do Pesquisador: _____

Data: ____/____/____

APÊNDICE D - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO CEARÁ -
IFCE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ESPORTE ESCOLAR E O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS: REFLEXÕES DE PROFESSORES E PROFISSIONAIS DE SAÚDE NO SERTÃO CEARENSE URBANO

Pesquisador: Braulio Nogueira de Oliveira

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 87408725.1.0000.5589

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DO CEARA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.643.703

Apresentação do Projeto:

Resumo:

Este estudo investiga a relação entre o esporte escolar e o uso de substâncias psicoativas entre adolescentes na zona urbana do Sertão Cearense, analisando como a prática esportiva pode atuar como fator de proteção contra o consumo. Além disso, busca compreender de que forma a Educação Física e programas intersetoriais, como o Programa Saúde na Escola (PSE) e o projeto "Educando com Esporte", contribuem para a conscientização dos jovens, promovendo hábitos saudáveis e fortalecendo sua integração social. Também visa desenvolver um produto educacional voltado para a conscientização de estudantes sobre o uso de substâncias psicoativas, por meio da realização de uma gincana escolar intitulada "Gincana Transformação". Tem por objetivo analisar as relações entre o esporte escolar e o uso de substâncias psicoativas, a partir da perspectiva de professores de Educação Física e profissionais de saúde do PSE, em escolas da zona urbana do Sertão Cearense. A metodologia proposta para este estudo baseia-se em um estudo de caso, com foco em compreender as práticas cotidianas e as interações sociais no ambiente escolar, com atenção especial ao "chão da escola" e às particularidades culturais do Sertão Cearense Urbano. A abordagem de estudo de caso permitirá uma análise detalhada e contextualizada das formas como a Educação Física e o esporte são vivenciados por estudantes e educadores, possibilitando identificar maneiras

Endereço: Rua Jorge Dumar, nº 1703

Bairro: Jardim América

CEP: 60.410-426

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3401-2332

E-mail: cep@ifce.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO CEARÁ -
IFCE**



Continuação do Parecer: 7.643.703

de aprimorar essas práticas para melhor atender às demandas e necessidades da comunidade escolar. Ao explorar como as práticas esportivas escolares podem ser mobilizadas como uma estratégia eficaz para a promoção da saúde e a prevenção do uso de substâncias psicoativas, espera-se que este estudo incentive a implementação de programas mais integrados e sensíveis às realidades locais, contribuindo para o desenvolvimento de uma juventude mais saudável e consciente. Nesse contexto, o presente projeto propõe analisar as relações entre o esporte escolar e o uso de substâncias psicoativas a partir da perspectiva de professores de Educação Física e profissionais de saúde do Programa Saúde na Escola (PSE) em escolas da zona urbana do Sertão Cearense.

Metodologia da Proposta:

metodologia proposta para este estudo baseia-se em um estudo de caso, que se justifica pela necessidade de investigar em profundidade as experiências, percepções e significados atribuídos pelos atores envolvidos em um contexto específico. O estudo terá como foco compreender as práticas cotidianas e as interações sociais que ocorrem no ambiente escolar, com atenção ao "chão da escola" e às particularidades culturais do Sertão Cearense Urbano.

Critério de Inclusão:

Os critérios de inclusão para os participantes serão: (1) professores de educação física que atuam nas escolas há pelo menos um ano, para garantir a familiaridade com os alunos e com o contexto escolar; e (2) profissionais da saúde com experiência em programas preventivos ou de apoio escolar.

Critério de Exclusão:

Serão excluídos da pesquisa (1) professores que estiverem afastados de suas atividades regulares no período da coleta de dados; e (2) profissionais de saúde que não atuem diretamente em programas de prevenção ou apoio escolar no âmbito do PSE.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar as relações entre o esporte escolar e o uso de substâncias psicoativas a partir da perspectiva de professores de Educação Física e profissionais de saúde do PSE em escolas da zona urbana do Sertão Cearense.

Endereço: Rua Jorge Dumar, nº 1703

Bairro: Jardim América

CEP: 60.410-426

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3401-2332

E-mail: cep@ifce.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO CEARÁ -
IFCE**



Continuação do Parecer: 7.643.703

Promoção de saúde e bem-estar: Ao participar da pesquisa, os envolvidos poderão se beneficiar de iniciativas que promovem hábitos saudáveis e práticas esportivas, o que pode impactar diretamente sua qualidade de vida.

Valorização das atividades educacionais: Os participantes terão a chance de ver suas experiências e percepções serem integradas no desenvolvimento de estratégias educativas que visam a prevenção do uso de substâncias, contribuindo assim para um ambiente escolar mais saudável.

Contribuição para políticas públicas: A pesquisa poderá gerar dados que ajudem a fundamentar futuras políticas públicas voltadas para a saúde e a educação, beneficiando não apenas os participantes, mas a comunidade escolar como um todo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - PROEF/IFCE, campus Caucaia

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Constam os termos obrigatórios:

Folha de rosto OK

Informações básicas do projeto OK

Orçamento OK

Cronograma OK

Declaração de compromisso de apresentação dos resultados OK

Declaração de garantia de regresso dos benefícios da pesquisa OK

Termo de consentimento livre e esclarecido (ou Termo de justificativa de dispensa do TCLE) OK

Termo de autorização e de existência de infraestrutura OK

Termo de fiel depositário NÃO SE APLICA

Termo de Assentimento (para participantes menores de 18 anos) NÃO SE APLICA

Roteiro de entrevista ou questionário/formulário ROTEIRO DE ENTREVISTA OK

Termo de autorização para gravação de voz (se a pesquisa utilizar essa metodologia com os participantes) OK (TCLE)

Constam, ainda, os documentos: (indicar os demais documentos que não sejam obrigatórios, mas que foram submetidos na plataforma). NÃO SE APLICA

Endereço: Rua Jorge Dumar, nº 1703

Bairro: Jardim América

CEP: 60.410-426

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3401-2332

E-mail: cep@ifce.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO CEARÁ -
IFCE**



Continuação do Parecer: 7.643.703

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Parecer consubstanciado de aprovação disponível na pasta (ou diretório) ¿Pareceres¿.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2343045.pdf	02/06/2025 13:07:44		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	BROCHURAPROJETOFINAL.pdf	02/06/2025 13:07:25	Braulio Nogueira de Oliveira	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	02/06/2025 13:05:22	Braulio Nogueira de Oliveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	02/06/2025 13:04:22	Braulio Nogueira de Oliveira	Aceito
Cronograma	cronogramaexecucao.pdf	02/06/2025 13:03:22	Braulio Nogueira de Oliveira	Aceito
Outros	TERMODEAUTORIZACAOIMAGEMVOZ.pdf	19/04/2025 11:44:43	EDSON ALVES PEREIRA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	19ABRILAPENDICEC3TCLE.pdf	19/04/2025 11:38:58	EDSON ALVES PEREIRA DA SILVA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracaoescolamariayara.pdf	21/03/2025 10:44:15	EDSON ALVES PEREIRA DA SILVA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracaoescolasoniacallou.pdf	21/03/2025 09:34:08	EDSON ALVES PEREIRA DA SILVA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracaoescoladomvicente.pdf	21/03/2025 09:26:43	EDSON ALVES PEREIRA DA SILVA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declarcolegiomunicipalpedrofelicio.pdf	19/03/2025 12:18:57	EDSON ALVES PEREIRA DA SILVA	Aceito

Endereço: Rua Jorge Dumar, nº 1703

Bairro: Jardim América

CEP: 60.410-426

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3401-2332

E-mail: cep@ifce.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO CEARÁ -
IFCE**



Continuação do Parecer: 7.643.703

Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracaoAntonioAntuerpio.pdf	19/03/2025 12:15:26	EDSON ALVES PEREIRA DA SILVA	Aceito
Outros	APENDICEBROTEIRODAENTREVISTA PROFISSIONAISDOPSE.pdf	12/02/2025 19:05:38	EDSON ALVES PEREIRA DA SILVA	Aceito
Outros	APENDICEA.pdf	12/02/2025 19:03:37	EDSON ALVES PEREIRA DA SILVA	Aceito
Outros	DECLARACAODECOMPROMISSOAPR ESENTACADOSRESULTADOS.pdf	12/02/2025 18:51:38	EDSON ALVES PEREIRA DA SILVA	Aceito
Outros	DECLARACAOGARANTIAEGRESSO.p df	12/02/2025 18:49:43	EDSON ALVES PEREIRA DA SILVA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	12/02/2025 18:46:53	EDSON ALVES PEREIRA DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 16 de Junho de 2025

Assinado por:
Luiz Torres Raposo Neto
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Jorge Dumar, nº 1703

Bairro: Jardim América

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3401-2332

CEP: 60.410-426

E-mail: cep@ifce.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO CEARÁ -
IFCE**



Continuação do Parecer: 7.643.703

Objetivo Secundário:

1. Compreender as perspectivas de Professores de Educação Física e Profissionais do PSE sobre a relação entre a prática de esportes no contexto escolar e o uso de substâncias psicoativas na particularidade do contexto escolar do Sertão Cearense;
2. Apreender a percepção dos professores e profissionais de saúde vinculados ao PSE sobre programas atualmente desenvolvidos nas escolas sobre substâncias psicoativas (incluindo o próprio PSE).
3. Identificar se o contexto de violência relacionado ao uso de substâncias psicoativas já repercutiu no trabalho do professor/profissional de saúde.
4. Analisar estratégias pedagógicas elencadas pelos professores e profissionais de saúde do PSE sobre como trabalhar essa temática no esporte escolar;
5. Desenvolver, como produto educacional, uma gincana escolar com o objetivo de integrar temas relacionados ao uso de substâncias psicoativas, promovendo a prevenção e conscientização sobre os impactos desse consumo no contexto dos jovens no ambiente escolar, com base nas contribuições dos sujeitos da pesquisa.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Com gradação de risco mínimo, a pesquisa foi desenhada para minimizar quaisquer riscos ou desconfortos para os participantes. Todos os dados coletados serão tratados com rigorosa confidencialidade, e informações pessoais, como nomes, incluindo o da escola, não serão registradas ou divulgadas em nenhum momento. Caso algum participante sinta desconforto ou deseje interromper a sua participação, poderá fazê-lo livremente, sem necessidade de justificar o motivo. Além disso, as estratégias adotadas visam evitar qualquer risco associado ao contexto local, incluindo a exposição indireta a questões de segurança, como o tráfico local, preservando assim a integridade de todos os envolvidos.

Benefícios:

Os benefícios diretos que os participantes poderão desfrutar incluem:

Conscientização sobre substâncias psicoativas: Os participantes terão a oportunidade de adquirir conhecimento sobre os riscos associados ao uso de substâncias psicoativas, o que pode contribuir para uma melhor saúde e bem-estar.

Endereço: Rua Jorge Dumar, nº 1703

Bairro: Jardim América

CEP: 60.410-426

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3401-2332

E-mail: cep@ifce.edu.br